

ESCOLA SUPERIOR DE EDUCADORES DE INFÂNCIA MARIA ULRICH

*Interdisciplinaridade a partir do Estudo do Meio
numa sala de 1.º Ciclo do Ensino Básico*

Ana Mafalda Santos Emídio Águas

Relatório Final realizado no âmbito da
Área Científica de Prática de Ensino Supervisionada
Mestrado em Educação Pré-Escolar e 1.º Ciclo do Ensino Básico
Ano Letivo 2013/2014

Orientadora: Mestre Vera Malhão

Lisboa
julho de 2015

EPÍGRAFE

“Ensinar não é transferir conhecimento, mas **criar possibilidades** para a sua
produção ou a sua construção.

Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender”

Paulo Freire

DEDICATÓRIA

A duas pessoas muito importantes para mim:
O meu filho Tiago.
A minha avó Maria que olha por mim todos os dias.

AGRADECIMENTOS

Este momento marca o fim e o início de uma etapa importante da minha vida. O fim de cinco anos de curso onde adquiri e aprofundei conhecimentos e competências essenciais para poder exercer esta profissão com a qual sempre sonhei, e o início de uma nova caminhada onde irei continuar a ensinar e aprender com as crianças que tanto têm para nos dar!

Ao longo destes cinco anos, tive do meu lado várias pessoas que contribuíram de alguma forma e, às quais quero agradecer por ter conseguido concretizar mais uma etapa da minha vida!

À minha orientadora e professora Mestre Vera Malhão, que foi incansável ao longo deste processo, durante o qual me deu todo o seu apoio, orientação, dedicação, disponibilidade, pela sabedoria que me transmitiu e mesmo estando longe, mantivemos sempre o contacto.

À minha supervisora Luísa Lisboa, pela orientação que prestou durante o período de estágio, pela sua disponibilidade e pelos conselhos que me ajudaram a refletir e consolidar as minhas práticas pedagógicas.

À Professora Ana Sousa, que me acolheu na sua sala de 3.º ano do 1.º Ciclo do Ensino Básico não só durante o período de estágio (três meses) como até ao final do ano letivo, pelo apoio, pela disponibilidade, pela confiança que depositou em mim, pela total liberdade que me foi dada para poder colocar a minha prática pedagógica em ação e pela partilha de conhecimentos e estratégias que futuramente irei aplicar na minha prática educativa! Tenho também a agradecer a possibilidade e privilégio de a ter conhecido não só como excelente profissional que é, mas também como pessoa verdadeira, amiga e pura, com a qual quero manter contacto para sempre!

Aos alunos do 3.º ano do 1.º Ciclo do Ensino Básico do Colégio do Vale, que estiveram sempre disponíveis e que contribuíram de forma exemplar para a realização deste trabalho.

À Professora e Coordenadora do 1.º Ciclo da Escola Básica de Marco Cabaço, Susana Dias, por toda a sua disponibilidade e amabilidade com que me apoiou relativamente à realização dos inquéritos.

Aos meus pais e avós, que são os responsáveis por ser a pessoa que sou e por estarem sempre do meu lado.

Aos meus avós paternos, os quais perdi durante estes cinco anos e que não puderam estar presentes fisicamente neste momento, o meu muito obrigado por acreditarem sempre no meu valor!

À minha irmã Marisa, companheira, confidente e amiga, que me deu muito apoio e com a qual sei que posso contar para toda a vida!

Ao meu filho Tiago, por ser a minha razão de viver e, por vezes, durante estes cinco anos, ter sido prejudicado com a minha ausência.

Ao meu marido Vergílio, que me acompanhou arduamente durante estes anos, pelo seu apoio, disponibilidade, compreensão em momentos mais difíceis, pelo tempo que não lhe dediquei e por estar sempre por perto!

Às minhas colegas Filipa Nunes, Margarida Lopes e Sofia Guilherme, que me acompanharam e motivaram ao longo deste período, movido de sorrisos, choros, gargalhadas e obstáculos. Salientando a Filipa Nunes que foi, sem dúvida, um grande apoio desde o início desta etapa, onde partilhámos confidências, tardes a fazer trabalhos dos quais me orgulho muito, partilha de ideias e saberes que contribuíram para o meu enriquecimento pessoal e profissional, momentos de fragilidade de parte a parte... Uma grande amiga! Obrigado por teres estado sempre do meu lado e por te teres preocupado comigo!

Aos meus amigos, em especial, à Ana Sofia Fonseca, que me conhece e acompanha desde o Pré-Escolar. Sempre foi uma grande amiga e atualmente, apesar de estar fora de Portugal em busca de um futuro melhor, tenho tido sempre o seu apoio e força para continuar esta minha longa caminhada que ainda agora se iniciou.

E, por fim, às Professoras Adelaide da Silva e Luísa Ferreira, porque foi com o apoio das mesmas que realizei os exames nacionais e, a partir dos quais, consegui o ingresso na tão prestigiada Escola Superior de Educadores de Infância Maria Ulrich.

Obrigado a todos!

RESUMO

O presente Relatório Final resulta de uma Prática de Ensino Supervisionada – PES e, por conseguinte, de um estudo realizado em campo em contexto de 1.º Ciclo do Ensino Básico, numa sala de 3.º ano, na Instituição Colégio do Vale.

Esta investigação tem como principal objetivo patentear como atingir a interdisciplinaridade a partir do Estudo do Meio numa sala de 1.º Ciclo do Ensino Básico. Para elaborar esta investigação a metodologia foi de natureza qualitativa, sendo que os instrumentos utilizados para a recolha de dados foram a observação, neste caso, o registo fotográfico e, o inquérito por questionário aplicado a professores de 1.º Ciclo de duas Instituições na freguesia da Charneca de Caparica. Todos estes dados foram analisados recorrendo aos referenciais teóricos e às metas curriculares que foram abrangidas nas atividades implementadas, tendo o Estudo do Meio como ponto de partida para a interligação de conteúdos.

Este estudo conclui não só as fortes potencialidades que o Estudo do Meio possui para a partir deste fazer-se a interligação de conteúdos com as restantes áreas como, também, o papel elementar que o meio que nos rodeia exerce sobre a aprendizagem, pois é a partir da interacção constante com o meio, que as crianças aprendem a observar o Mundo, formando através das suas vivências e das trocas sociais, a sua individualidade própria.

Posto isto, esta investigação surge como um estímulo para que o professor elabore e desenvolva de uma forma dinamizadora e diversificada o processo de ensino-aprendizagem, procurando fazer a interligação de conteúdos, sem colocar nenhuma área de conteúdo para segundo plano.

Palavras-chave: 1ºCiclo; Interdisciplinaridade; Estudo do Meio; Aprendizagem; Crianças; Professor.

ABSTRACT

This Final Report is the result of a Supervised Teaching Practice - STP and therefore to a study in the field in the context of 1st Cycle of basic education, on a 3rd grade classroom, the Institution College Valley.

This research aims to patent how to achieve interdisciplinarity from the Environmental and Social Studies in 1st Cycle room of Basic Education. To elaborate this research methodology was qualitative, and the instruments used to collect data were observation, in this case, the photographic record and the survey applied to 1st Cycle teachers of both institutions in the parish of Caparica. All these data were analyzed using theoretical benchmarks and curriculum goals that were covered in the activities implemented, with the Environmental Studies as a starting point for interconnecting content.

This study concludes not only strong technical capabilities that the Environmental Studies has for from this do to interconnect with other content areas as also the elemental role the environment around us has on learning, it is the from the constant interaction with the environment, children learn to observe the world, forming through their experiences and social exchanges, their own individuality.

That said, this research appears as an incentive for teacher to prepare and develop a proactive and diversified the process of teaching and learning, seeking to make the interconnection of content without putting any content area to the background.

Keywords: 1stCycle; Interdisciplinarity; Environmental and Social Studies; Learning; Childrens; Teacher.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

PES – Prática de Ensino Supervisionada

EPE – Educação Pré-Escolar

CEB – Ciclo do Ensino Básico

ESEIMU – Escola Superior de Educadores de Infância Maria Ulrich

Índice

Introdução

| | |
|---|---|
| 1. Percurso Formativo | 1 |
| 2. Motivação para a Profissionalização em EPE e 1.º CEB | 6 |
| 3. Motivação para o Estudo e Questões de Investigação | 7 |
| 4. Organização e Estrutura do Relatório | 8 |

Capítulo I – Enquadramento Teórico

| | |
|--|----|
| 1. A cumplicidade da relação entre Estudo do Meio e o professor como meio para atingir a Interdisciplinaridade | 10 |
|--|----|

Capítulo II – Metodologia de Pesquisa

| | |
|--|----|
| 1. Investigação Qualitativa e suas características | 21 |
| 2. Técnicas de Recolha de Dados | 24 |
| 2.1. Observação | 25 |
| 2.1.1. Registo Fotográfico | 26 |
| 2.1.2. Inquérito por questionário | 27 |
| 3. Análise e Interpretação de Dados | 28 |

Capítulo III – Atividades Desenvolvidas

| | |
|---|----|
| 1. Atividade “A Família” | 30 |
| 2. Atividade “Portugal – A nossa Nação” | 34 |
| 3. Atividade “As Plantas – Germinação por Semente” | 38 |
| 4. Atividade “Maqueta sobre relevo e meios aquáticos” | 42 |

Capítulo IV – Resultados da Investigação

| | |
|---|----|
| 1. Resultados da Aprendizagem | 46 |
| 1.1. Atividade “A Família” | 46 |
| 1.2. Atividade “Portugal – A nossa Nação” | 48 |
| 1.3. Atividade “As Plantas – Germinação por Semente” | 51 |
| 1.4. Atividade “Maqueta sobre relevo e meios aquáticos” | 53 |
| 2. Análise dos Inquéritos | 57 |

Considerações Finais

| | |
|-------------------------|----|
| Conclusões Finais | 61 |
|-------------------------|----|

Referências Bibliográficas

| | |
|-----------------------------|----|
| Obras consultadas | 69 |
| Websites consultados | 71 |
| Legislação consultada | 72 |

ANEXOS

| | |
|---|---|
| Anexo I – Registo Fotográfico | A |
| 1. Atividade “A Família” | A |
| 2. Atividade “Portugal – A nossa Nação” | B |
| 3. Atividade “As Plantas – Germinação por Semente” | C |
| 4. Atividade “Maqueta sobre relevo e meios aquáticos” | D |
| 5. Outras atividades interdisciplinares | E |
| | |
| Anexo II – Registos no caderno diário | G |
| 1. Atividade “A Família” | G |
| 2. Atividade “Portugal – A nossa Nação” | H |
| | |
| Anexo III – Ficha Formativa | J |
| 3. Atividade “As Plantas – Germinação por Semente” | J |
| | |
| Anexo IV – Inquéritos a professores do 1.º CEB | L |

INTRODUÇÃO

O Relatório Final enquadra-se na Área Científica de Prática de Ensino Supervisionada e tem como principais objetivos, demonstrar a aprendizagem realizada em contexto de estágio em 1.º Ciclo do Ensino Básico numa sala de 3.º ano, no período compreendido entre 25 de novembro de 2013 a 28 de fevereiro de 2014 e levar o aluno estagiário a refletir sobre a sua prática educativa adquirindo valores, atitudes e comportamentos ajustados a uma docência atenta aos objetivos da organização do ensino.

Este Relatório irá expor uma comunicação de resultados da experiência obtida na PES, tendo em conta, o tema específico desta pesquisa, a interdisciplinaridade a partir do Estudo do Meio numa sala de 1.º CEB e a problemática associada ao mesmo.

1. Percorso Formativo

O meu percurso formativo decorreu na Escola Superior de Educadores de Infância Maria Ulrich, na qual frequentei a Licenciatura em Educação Básica e o Mestrado em Educação Pré-Escolar e em 1.º CEB. Durante estes cinco anos de formação e crescimento enquanto pessoa e profissional, tive a possibilidade de estar em contacto com diferentes realidades educativas, visto ter estagiado em instituições distintas, com diferentes modelos pedagógicos e crianças singulares.

Durante este ano letivo, realizei o meu estágio no Colégio do Vale, na Marisol – Charneca de Caparica. É uma Instituição Particular, que propicia aos seus alunos e respetivas famílias cinco níveis educativos numa perspetiva integrada, acompanhando o desenvolvimento dos alunos desde a Creche até ao 9.º ano do Ensino Básico.

O Colégio do Vale está implantado numa zona citadina, num espaço calmo, rodeado de terrenos, moradias e espaços verdes, acabando por fugir à azáfama que tanto caracteriza as zonas mais urbanizadas.

A Instituição é dotada das mais variadas infraestruturas, criando e adequando espaços que visam desenvolver aprendizagens significativas diversificadas e também, estimular momentos de convívio, partilha e lazer.

A inauguração do Colégio foi a 21 de setembro de 1992, sendo que, apesar de ser um estabelecimento relativamente recente, está em permanente

mudança e em contínua adaptação aos desafios do quotidiano e às crianças da sociedade atual.

No decorrente Projeto Educativo, o Colégio enuncia objetivos de várias ordens, que no seu conjunto, promovem o bem-estar e o pleno desenvolvimento do aluno ao longo da sua vida, numa constante articulação das atividades escolares com a Família, Comunidade e Mundo Exterior, para garantir uma sólida educação.

De todas as suas preocupações pedagógicas, as mais relevantes estão relacionadas, com o sucesso das aprendizagens dos alunos, através de um ensino exigente e, em simultâneo motivador e diversificado, no qual são desenvolvidas variadas atividades. É através de aprendizagens diversificadas e significativas que o Colégio pretende ajudar os seus alunos a crescer com um grande sentido de autonomia, criatividade e responsabilidade.

Como o próprio Projeto Educativo do Colégio menciona na sua formulação atual, uma das suas pretensões está direcionada para a formação de “pessoas intelectual e moralmente sérias, capazes de atuar num mundo competitivo, mas onde esteja sempre presente a cooperação e a solidariedade, para que obtenham um domínio claro e objetivo dos saberes e das técnicas que lhes assegurem uma base sólida para enfrentarem as etapas seguintes das suas vidas”.

No Projeto Educativo, outros objetivos são enumerados, como a aquisição de confiança da criança em si mesma e naqueles que a rodeiam ao longo da sua aprendizagem; a capacidade de aplicar os conhecimentos já adquiridos visando, não só a prossecução dos estudos, mas também uma melhor compreensão do mundo que a envolve; a compreensão e aplicação correta dos meios ao seu alcance no âmbito das novas tecnologias essenciais nos dias de hoje; a adoção de uma postura cívica e ética, que é fundamental para o seu percurso como pessoa a nível pessoal e profissional; incutir a necessidade permanente de explorar atividades culturais, gimnodesportivas e ao ar livre, em ambiente saudável e ecologicamente equilibrado; e também, a evolução crescente na fluência oral e escrita da língua materna e inglesa, sobretudo, que lhe irá proporcionar uma melhor integração no mundo atual.

O Colégio procura estimular nos alunos valores morais, éticos, espirituais e cívicos, apostando na formação da personalidade individual de

cada um. Isto é alcançado através do incentivo da socialização entre pares e grande grupo como processo de crescimento e desenvolvimento, preparando-os para viverem num “mundo complexo e em mutação constante”. Assim, e através de contacto e atividades com outras Instituições consegue-se fomentar o espírito de interajuda, cooperação, respeito pelo outro, respeito pela diferença, a nível nacional e internacional, formando cidadãos abertos para o Mundo.

No período correspondente à Prática de Ensino Supervisionada, encontrei-me inserida numa turma de 1º CEB, correspondente ao 3.º ano de escolaridade.

A turma era homogénea, composta por dezasseis alunos, nove raparigas e sete rapazes, todos eles com oito anos de idade e cuja maioria frequentou o Colégio do Vale o ano letivo anterior. Inicialmente, o grupo era composto por mais uma aluna de nacionalidade russa, que desde o final do mês de novembro se ausentou do país com a sua família.

A grande maioria das crianças pertence a famílias com um nível socioeconómico médio – alto, onde os pais possuem, na sua generalidade, habilitações académicas de cursos médios ou superiores e residem na área envolvente ao Colégio, nos Conselhos de Almada e Seixal.

Relativamente à aluna de nacionalidade russa, veio este ano para Portugal e, conseqüentemente, pela primeira vez para o Colégio. É uma menina meiga e simpática, que está perfeitamente integrada no seio da turma, apesar de ainda estar em fase de adaptação ao novo contexto escolar. Esta aluna ainda não comunica a nível verbal em Português tendo, por isso, um apoio especial por parte da professora titular e do grupo de pares. A comunicação com esta criança, embora difícil de estabelecer, foi necessária, para que possa adquirir a língua portuguesa no que diz respeito à expressão e compreensão da mesma, e também para se iniciar no processo de socialização com o outro, que neste momento é mais afetivo que verbal.

Os alunos foram muito participativos e curiosos, estando recetivos a novas atividades e propostas, interessando-se igualmente por histórias, canções e lengalengas. Gostam bastante de conversar e expor as suas próprias ideias, conhecimentos e sentimentos em grande grupo.

Tratou-se de um grupo bastante autónomo, participando de uma forma bastante ativa nas suas rotinas e tarefas propostas, o que pressupõe uma autonomia funcional – (não apenas relacionada com o facto de as crianças conseguirem, por si mesmas, vestirem-se ou alimentarem-se sem o auxílio do adulto), – mas sim um conceito mais amplo, uma vez que “a construção de autonomia supõe a capacidade individual e coletiva de ir, progressivamente, assumindo responsabilidades.” (Silva, 1997; p. 53).

As crianças eram bastante sociáveis, alegres e comunicativas. Manifestavam interesse em participar, mas nem sempre foram sensíveis às tarefas da vida escolar. A turma era muito conversadora e tinha alguma dificuldade em interiorizar as principais regras estabelecidas para o 1.º CEB, quer na sala de aula, quer no recreio.

A turma demonstrou interesse por todas as áreas curriculares, verificando-se um enorme e destacável gosto para a área de Estudo do Meio e Expressão Plástica. Sem dúvida que a Matemática também foi uma área pela qual demonstraram grande motivação, sendo estes muito curiosos e perspicazes, os jogos foram sempre um complemento muito agradável para preencher esta área.

Quanto à ação educativa/método de trabalho utilizado, existiu sempre uma atitude franca e positiva perante qualquer aprendizagem ou situação. O método ativo foi um dos métodos utilizados uma vez que, existiu o cuidado de adequar os conteúdos e estratégias ao nível de desenvolvimento dos alunos e respeitar os vários ritmos de aprendizagem, sendo valorizadas as experiências e conhecimentos extraescolares integrando-os nas práticas educativas, promovendo a ligação entre o que o aluno aprende na escola e os comportamentos e saberes já adquiridos.

No entanto a utilização de um único método nem sempre foi possível, sendo que, a interação de métodos, por vezes, é essencial para que o ambiente sala de aula seja diversificado. Só desta forma se pode ir ao encontro dos interesses de todas as crianças. Sendo assim, foi importante intercalar o método ativo com o método demonstrativo, pois em certas ocasiões foi

necessário a demonstração e a explicação mais aprofundada de certos conceitos ou conteúdos, porque nem todas as crianças tinham o mesmo grau de autonomia. Assim e tendo em conta os conteúdos do programa curricular, fez-se sempre a articulação com os interesses e necessidades do grupo de alunos.

Ao longo da rotina diária, em contexto de Instituição, o grupo vivenciou os seus momentos de aprendizagem num ambiente diversificado e devidamente preparado para os conteúdos/competências que se esperam desenvolver.

Deste modo, os espaços utilizados diariamente pelos mesmos são a sala de aula habitual, mas também o refeitório, o recreio, o ginásio, a piscina exterior, a sala de informática, a sala de música, o Centro de Recursos Educativos (CRE) e, o Gabinete de Psicopedagogia.

O espaço da sala estava organizado para que as crianças tivessem fácil acesso aos diferentes materiais escolares e didáticos (livros, cadernos, dossiers, material de expressão plástica e outros). O objetivo foi facilitar o manuseamento dos materiais, de forma a estimular a descoberta e a aprendizagem.

A forma de organização do ambiente educativo passou por vários tipos de trabalho, procurando proporcionar aos alunos uma grande diversidade que possibilitasse aprendizagens favoráveis e integração de saberes, através do desenvolvimento da expressão/compreensão, do pensamento crítico, da colaboração e da cidadania.

Os vários tipos de trabalho foram:

- Em grande grupo – muito importante para que se fomente o sentimento de pertença e união, na perceção de que todos os elementos constituem uma mesma turma.
- Em pequenos grupos – essencial para se promover a socialização entre pares e aprender a partilhar ideias e a respeitar diferentes posições ou opiniões.

- Individualmente – importante para estimular nas crianças sentimentos de segurança, autoestima e conforto consigo próprias.

É de realçar a importância da interação de todos estes métodos ser essencial para compreender e respeitar as diferentes características das crianças na sua individualidade, em relação aos seus graus de autonomia e ritmos de aprendizagem.

É de reforçar ainda que a professora avalia todo o processo de ensino-aprendizagem das crianças, de forma contínua e sumativa, através de registos diários que facilitam a sua perceção das características das crianças enquanto grupo e na sua singularidade, no que concerne à evolução, assimilação de conhecimentos e eventuais dificuldades sentidas, quer a nível cognitivo, emocional, comportamental ou até mesmo motor.

2. Motivação para a Profissionalização em EPE e 1.º CEB

Desde muito pequena que pensava trabalhar com crianças, só que os meus pais nessa altura diziam que ser educadora e/ou professora não era profissão e que deveria ir para Economia. Mas, sempre que podia, ia para casa dos meus padrinhos, ajudar a cuidar dos dois filhos e mais tarde ajudar nas tarefas da escola.

Inicialmente segui o conselho dos meus pais, estive até ao 12.º ano em Economia, mas depois consegui mostrar-lhes que não era aquilo que queria fazer para o resto da minha vida e concorri à Escola Superior de Educadores de Infância Maria Ulrich, onde consegui ingressar em 2009.

Tem sido um percurso um pouco complicado, porque tenho família, tenho um filho (quando entrei para a ESEIMU, ele tinha 1 ano e 2 meses), trabalho e não é muito fácil conseguir conciliar tudo, mas com o apoio da minha Família e Amigos tenho conseguido.

Durante estes cinco anos de curso, tenho passado por momentos muito marcantes, sendo que, os que mais me marcaram, foram o falecimento dos

meus avós paternos. Um dos grandes desejos que a minha avó paterna tinha era ver-me a tirar um curso, que infelizmente não pôde presenciar, mas sei que esteja ela onde estiver, estará certamente muito orgulhosa do meu percurso!

Com o meu filho (atualmente com 7 anos) aprendo mais todos os dias e é com ele que vou desenvolvendo novas práticas, pois ele é um menino muito curioso, atento e quer saber sempre mais e mais. Noto que gosta bastante de matemática como a mãe, tem um ótimo raciocínio matemático, é muito perfeccionista e demonstra muito interesse por estudo do meio. Espero que futuramente expanda estas suas potencialidades e outras mais!

No futuro quero poder contribuir para a construção de uma nova geração, sabendo que juntamente com as Famílias, contribuiremos para a construção de conhecimentos uns dos outros. Quero ajudar Famílias a formar jovens construtivistas, humildes, capazes de “enfrentar” o mundo competitivo que nos rodeia e estarem sempre dispostos a aprender mais, porque a nossa formação é contínua.

Quando for velhinha, gostava de poder ouvir dizer: “Aquela senhora, a Ana Mafalda, foi minha professora e teve uma grande influência no meu crescimento e desenvolvimento.”

3. Motivação para o Estudo e Questões de Investigação

A escolha do tema para a minha Investigação recaiu sobre a interdisciplinaridade a partir do Estudo do Meio numa sala de 1.º CEB, neste caso, numa sala de 3.º ano, assunto este que sempre quis trabalhar, por verificar que esta área de conteúdo acaba por ser “deixada para segundo plano” dando maior ênfase ao Português e à Matemática. Assim, a partir deste estudo, quero mostrar como é possível e viável a partir do Estudo do Meio desenvolver as outras áreas de conteúdo.

Para demonstrar que é praticável trabalhar desta forma, resolvi implementar diferentes atividades durante a minha PES, as quais foram realizadas aplicando diversas técnicas, a pares, pequenos e grande grupo

(com o intuito de fortalecer as relações entre eles, saberem lidar com diferentes opiniões) e utilizando vários meios como, as novas tecnologias.

A partir da reflexão sobre o mesmo, emergiram algumas questões, às quais procuro dar resposta no desenrolar da investigação, sendo elas:

1. De que forma se poderá atingir a interdisciplinaridade em 1.º Ciclo a partir do Estudo do Meio?
2. Que tipo de atividades podem ajudar a promover a interdisciplinaridade em sala de aula?
3. Quais as vantagens e desvantagens de se partir do Estudo do Meio para que a interdisciplinaridade seja atingida?

Para investigar e dar resposta a estas questões de estudo, decidi aplicar uma metodologia qualitativa, descritiva e compreensiva, através da qual analisei e interpretei a realidade observada, fundamentada por vários autores de referência.

Para a análise da informação recolhida, recorri a registo fotográfico, a uma ficha formativa e inquéritos dirigidos a professores do 1.º CEB.

4. Organização e Estrutura do Relatório

Este trabalho de investigação tem como tema “*A Interdisciplinaridade a partir do Estudo do Meio numa sala de 1.º Ciclo do Ensino Básico*” e foi implementado numa sala de 3.º ano com uma turma de quinze alunos.

Para evidenciar a sequência deste estudo e para uma melhor perceção do mesmo por parte do leitor, o Relatório Final encontra-se organizado da seguinte forma:

Comecei por fazer uma *Introdução*, onde refiro o meu percurso formativo, as motivações para a profissionalização em EPE e 1.º CEB, as motivações para este estudo e qual a sua estrutura.

De seguida, no *Capítulo I – Enquadramento Teórico*, dou início ao estudo da problemática da investigação, recorrendo a referenciais teóricos para mostrar como a partir do Estudo do Meio se pode atingir a interdisciplinaridade numa sala de aula do 1.º Ciclo do Ensino Básico.

No *Capítulo II – Metodologia de Pesquisa*, enuncio a metodologia adotada na recolha de dados para realizar este estudo, bem como o processo de análise e interpretação dos mesmos, em função da problemática e das questões colocadas.

No *Capítulo III – Atividades Desenvolvidas*, enumerei algumas das atividades realizadas tendo o Estudo do Meio como área de enfoque procurando fazer a transversalidade com as restantes áreas curriculares e, no *Capítulo IV – Resultados da Investigação*, exponho quais os resultados obtidos através das atividades e de um instrumento (inquéritos aplicados a professores do 1.º CEB) por mim utilizado, para perceber qual a viabilidade interdisciplinar que se pode adquirir a partir do Estudo do Meio.

Nas *Considerações Finais*, apresento a síntese deste estudo, respondendo ao problema e às questões de investigação por mim colocadas, referindo ainda, os constrangimentos que foram encontrados a partir desta investigação.

Para finalizar o Relatório refiro as *Referências Bibliográficas* que foram utilizadas para a sua construção.

Em *Anexos*, estão inseridos os dados que foram recolhidos no local de Prática de Ensino Supervisionada, e que se cingem ao registo fotográfico, aos registos elaborados nos cadernos diários, a uma ficha formativa e, aos inquéritos realizados a professores do 1.º Ciclo do Ensino Básico.

CAPÍTULO I

ENQUADRAMENTO TEÓRICO

Neste capítulo enquadrei e contextualizei o problema de investigação, através de referenciais teóricos relacionados com a problemática. Pretendi clarificar o conceito de Interdisciplinaridade e demonstrar como se pode trabalhar em sala de aula, utilizando como área de enfoque o Estudo do Meio, para construir novas aprendizagens significativas.

1. A cumplicidade da relação entre Estudo do Meio e o professor como meio para atingir a Interdisciplinaridade

Ao longo dos tempos, tanto a nível nacional, como a nível internacional, foram verificadas modificações em diversos setores da sociedade e, conseqüentemente, teve que se efetuar um reajusto no campo destinado à educação, nomeadamente através da regulamentação do Decreto-Lei n.º6/2001, retificada pela Declaração de Retificação n.º4-A/2001, na Reorganização Curricular do Ensino Básico, designada por Projeto da Gestão Flexível do Currículo. A reforma indicada surge em resposta a estas alterações, de modo a tornar possível formar futuros cidadãos conscientes e responsáveis, integrados no meio socioprofissional e adaptados ao mundo atual (Decreto-Lei n.º6/2001; Carvalho, 2006).

A educação depara-se assim com um novo desafio, na persistente tentativa de proporcionar aos alunos a complementaridade entre a aquisição de saberes cognitivos e saberes morais/éticos, cada vez mais indissociáveis (Roldão, 1995; Carvalho, 2006).

Tendo como base o documento “Organização Curricular e Programas”, o plano curricular do 1.º Ciclo do Ensino Básico abrange áreas curriculares disciplinares e não disciplinares, todas elas de carácter obrigatório. As áreas curriculares disciplinares são o Português, a Matemática, o Estudo do Meio e as Expressões Artísticas e Físico-Motoras. As áreas curriculares não disciplinares são a Formação Pessoal e Social que compreendidas com as referidas anteriormente, formam a Educação para a Cidadania (Ministério da Educação, 2004).

Segundo Roldão (1999), os currículos propostos para a área de Estudo do Meio baseiam-se essencialmente num alargamento progressivo de

horizontes, motivando as crianças a descobrir cada vez mais sobre o mundo que as rodeia. Este alargamento de horizontes tem como base partir das realidades observadas e experienciadas no meio próximo, como ponto de partida obrigatório do desenvolvimento do estudo da realidade social e ambiental que se pretende estudar. Neste sentido, o método curricular em questão pretende uma abordagem de conteúdos do específico para o geral, tal como também se manifesta no programa de Estudo do Meio em vigor. O mesmo tende a partir do próximo para o distante, do familiar para o desconhecido, do presente para o desconhecido, do presente para o passado e do eu para os outros.

Segundo Roldão, deve-se ter uma visão que não seja excessivamente focalizada no próximo, no observável e no concreto, sob pena dos alunos não alargarem os seus horizontes, tal como é previsto que aconteça num programa tão alargado (Roldão, 1995).

Autores como Piaget sustenta que o desenvolvimento intelectual processa-se em quatro estádios consecutivos, cuja ordem de sucessão é constante. Cada estádio resulta do antecedente por um processo integrativo, resultante de reestruturações ininterruptas. Estes estádios correspondem a diferentes formas de ver, compreender e agir sobre o mundo e que culminam no pensamento adulto (Monteiro e Ferreira, 2007).

Os quatro estádios são o “sensoriomotor (do nascimento até cerca dos 2 anos)”, “pré-operatório (2 aos 6/7anos)”, “operações concretas (6/7 aos 11/12 anos)” e ainda “operações abstratas (11/12 aos 16 anos)” (ibidem, p.158). Deduz-se que no 1.º Ciclo, as crianças se situam principalmente entre o estádio pré-operatório e o estádio das operações concretas, os quais deverão ser explorados tendo como base o concreto e o palpável, para posteriormente, colocar as mesmas em contacto com conceitos cada vez mais abstratos (ibidem).

Mas, tendo em conta a estrutura curricular proposta através do alargamento progressivo, parece que estes pressupostos tendem a limitar os horizontes do conhecimento e não a expandi-lo, como vulgarmente se pensa (Roldão, 1995).

Nem sempre partir do individual para o genérico causa mais e melhores

horizontes, motivando as crianças a descobrir cada vez mais sobre o mundo que as rodeia. Este alargamento de horizontes tem como base partir das realidades observadas e experienciadas no meio próximo, como ponto de partida obrigatório do desenvolvimento do estudo da realidade social e ambiental que se pretende estudar. Neste sentido, o método curricular em questão pretende uma abordagem de conteúdos do específico para o geral, tal como também se manifesta no programa de Estudo do Meio em vigor. O mesmo tende a partir do próximo para o distante, do familiar para o desconhecido, do presente para o desconhecido, do presente para o passado e do eu para os outros.

Segundo Roldão, deve-se ter uma visão que não seja excessivamente focalizada no próximo, no observável e no concreto, sob pena dos alunos não alargarem os seus horizontes, tal como é previsto que aconteça num programa tão alargado (Roldão, 1995).

Autores como Piaget sustenta que o desenvolvimento intelectual processa-se em quatro estádios consecutivos, cuja ordem de sucessão é constante. Cada estádio resulta do antecedente por um processo integrativo, resultante de reestruturações ininterruptas. Estes estádios correspondem a diferentes formas de ver, compreender e agir sobre o mundo e que culminam no pensamento adulto (Monteiro e Ferreira, 2007).

Os quatro estádios são o “sensoriomotor (do nascimento até cerca dos 2 anos)”, “pré-operatório (2 aos 6/7anos)”, “operações concretas (6/7 aos 11/12 anos)” e ainda “operações abstratas (11/12 aos 16 anos)” (ibidem, p.158). Deduz-se que no 1.º Ciclo, as crianças se situam principalmente entre o estádio pré-operatório e o estádio das operações concretas, os quais deverão ser explorados tendo como base o concreto e o palpável, para posteriormente, colocar as mesmas em contacto com conceitos cada vez mais abstratos (ibidem).

Mas, tendo em conta a estrutura curricular proposta através do alargamento progressivo, parece que estes pressupostos tendem a limitar os horizontes do conhecimento e não a expandi-lo, como vulgarmente se pensa (Roldão, 1995).

Nem sempre partir do individual para o genérico causa mais e melhores

resultados. Ainda que seja uma experiência fundamentalmente significativa para a criança, é indispensável considerar que a experiência não se traduz somente na observação direta, mas também por vivências interiores, pelo recurso à imaginação e ao que se ouve contar ou mesmo pelo que se alcança através da utilização das novas tecnologias. Assim se prova que neste mundo globalizado, cada vez mais se tem acesso ao que à primeira vista parece distante ou inacessível, anulando a distância física que separa oceanos e continentes (ibidem).

Alargar horizontes remete-nos para uma visão mais vasta e aberta do mundo, dos outros e de si próprio, existindo a necessidade de encarar o Estudo do Meio como "área de abertura para o mundo, para a diversidade da realidade física e social, para a riqueza de conhecimentos e experiências", que possam efetivamente cativar a criança na compreensão do mundo em que vive e ao qual pertence, ampliando as suas experiências e diversificando o seu universo de referências (ibidem, pp. 15-16).

Assim, compreender o meio nas suas características naturais, bem como a influência que tem na vida humana e dos restantes seres vivos constitui uma das primeiras formas de consciência cívica, especialmente através da estima pela natureza e da tomada de consciência das sociedades como redes de interações sociais bastante complexas, que se gerem através da harmonia e do respeito (Roldão, 1995; Carvalho e Freitas, 2010).

Com efeito, o meio é tudo aquilo que nos envolve, admirando, por isso, "diversas dimensões da vida do homem enquadrado na natureza e nos contextos sociais a que pertence" (Roldão, 1995, p. 33).

Segundo o Currículo Nacional do Ensino Básico – Competências Essenciais, datado de 2001, o Estudo do Meio é uma Área Curricular que promove o desenvolvimento e aquisição de conceitos espaciais e humanos, uma vez que "abarca todos os níveis de conhecimento humano", desde a experiência sensorial direta até aos conceitos mais abstratos e racionais (Currículo Nacional do Ensino Básico – Competências Essenciais, 2001, p. 75).

Segundo o que consta no endereço eletrónico da Direção Geral da Educação (DGE) é através dos programas e das metas curriculares que o ensino e a sua avaliação se deverá organizar, tendo-os como "documentos

curriculares de referência”. As metas curriculares procuram concretizar a aprendizagem, envolvida nos conteúdos programáticos a lecionar, pelo que se constituem como “meios privilegiados de apoio à planificação e organização de ensino”. As metas são ainda, uma tentativa de compatibilidade e aproximação de políticas educativas relativamente aos programas de avaliação do sistema de ensino que se alargam aos países ocidentais, sendo por isso uma tendência curricular internacional.

Ainda no documento referente ao Currículo Nacional do Ensino Básico, outra das afirmações à qual não se afasta a sua verdade é a oportunidade de inter-relação do Estudo do Meio com outras áreas disciplinares – e até mesmo não disciplinares – designadamente do Português e da Matemática (Currículo Nacional do Ensino Básico, 2001, p. 77).

O mesmo documento procura encarar o 1.º Ciclo como um ciclo de estudos integrados, ocorrendo ainda sobre o carácter transversal da área de Estudo do Meio, tema central de toda esta investigação.

O Estudo do Meio é uma área que, pela sua especificidade, é compreendida como um conjunto de elementos, fenómenos e acontecimentos que ocorrem no meio envolvente e no qual adquirem significado a vida e ação das pessoas.

Como tal, o conhecimento do Meio deverá partir da observação e da análise dos fenómenos, dos factos e situações que permitam uma melhor compreensão por parte dos alunos conduzindo à sua intervenção crítica, o que implica processos de participação, defesa e respeito. Permite também a realização de atividades práticas e trabalho de campo no meio envolvente à escola e ainda, o reconhecimento da importância da ciência e da tecnologia na observação de fenómenos.

Deste modo, e “tomando meio no sentido plural de meios - contextos em que os homens vivem e com que interatuam”, é equitativamente fundamental que a criança obtenha as noções de relação que se estabelecem, designadamente homem/meio, validando a sua compreensão e as implicações nas vivências sociais, económicas e culturais dos indivíduos (Roldão, 1995, p. 27).

Assim, e como está descrito no Currículo Nacional do Ensino Básico (Ministério da Educação, 2001, p.81)

(...) A aventura de partir à “descoberta” para conhecer o Meio – no sentido de saber pensar e atuar sobre ele – pressupõe o desenvolvimento de competências específicas em três grandes domínios que se relacionam entre si: a localização no espaço e no tempo; o conhecimento do ambiente natural e social e o dinamismo das inter-relações entre o natural e o social.

Esta descoberta está relacionada com a aprendizagem ativa, ou seja, sempre que existe um envolvimento cognitivo e afetivo na tarefa, estão agrupados os requisitos necessários para que se possa desencadear uma aprendizagem ativa. Roldão vai mais longe neste conceito, procurando diferenciar “ativo” de “prático” e de “manipulativo”.

De acordo com a referida autora, pode-se aprender de forma ativa através de atividades experimentais nas quais as crianças estão inseridas e participam no processo, mas também é praticável aprender de um modo ativo através de outros meios que não comprometam necessariamente pôr “as mãos à obra”. Sendo assim, as aprendizagens ativas podem remeter para “tarefas de exploração da realidade circundante, ou assistindo a um filme, ou ouvindo uma informação ou narrativa do professor sobre realidades muito distantes e diferentes” (Roldão, 1995, p. 31).

Assim se percebe o porquê de os blocos programáticos no âmbito do Estudo do Meio se iniciarem por “À Descoberta de...”, incentivando assim as crianças para uma aprendizagem ativa, na qual elas deverão ter o papel fundamental na construção do seu conhecimento, assentada na teoria de aprendizagem tendencialmente construtivista (Roldão, 1995).

Este tipo de experiências promove aprendizagens diversificadas no domínio cognitivo, isto é, na aquisição de conhecimentos, nos métodos de estudo e estratégias de aprendizagem e no aspeto afetivo-social, como sejam, trabalho cooperativo, atitudes e hábitos.

Assim, por aprendizagem, a nível cognitivo, entende-se um processo pelo qual o indivíduo passa, agindo e construindo o seu conhecimento, transformando-o a nível pessoal, social, emocional. Contudo, aprender não se limita apenas à aquisição de novas informações, mas procura identicamente

retificar, aprofundar, aumentar e reestruturar a base de conhecimentos já adquiridos (Detry e Simas, 2001).

Isto prevê que o indivíduo aprende a partir do nascimento, e que os seus processos cognitivos sofrem modificações constantes através da sua interação com o meio. Com base em Monteiro e Ferreira, “o papel do meio após o nascimento vai também ter um papel decisivo no desenvolvimento do cérebro: os estímulos que são assimilados conduzem a processos de adaptação” (Monteiro e Ferreira, 2007, p. 57). É esta adaptação que irá, contribuir para a sua inclusão no mundo e para o “olhar” único que se tem sobre ele.

Com efeito, os sentidos e significados que damos às coisas dependem do tempo e espaço onde se vivenciam e, por isso, apresentam uma forte ligação com os aspetos culturais. “Um sujeito constrói o seu conhecimento manipulando ao mesmo tempo os objetos de estudo, mas também as fontes culturais que o ajudam a interagir com esses objetos (a linguagem, por exemplo, revela-se fundamental)” (Moreira e Valadares, 2009, p. 11).

De acordo com Detry & Simas (2001), a aprendizagem “ (...) não é independente dos outros processos mentais de atenção, perceção, memória e raciocínio, sendo o conhecimento de que somos portadores o resultado da mediação mais ou menos coordenada dos vários processos cognitivos” (pp. 18-19).

É de salientar ainda que a aprendizagem significativa não envolve apenas a estrutura cognitiva, mas também uma componente afetiva e sensitiva. Segundo Moreira & Valadares (2009), para Novak e de acordo com a teoria da aprendizagem significativa, “ (...) qualquer acontecimento educativo deve ser encarado como uma ação para trocar significados (pensar) e sentimentos entre o aprendiz e o professor” (pp.45-46).

Assim, uma verdadeira aprendizagem implica, uma participação ativa, com base numa atividade social e que se constrói a partir de conhecimentos e de crenças previamente adquiridas. Para além disso, o ato de aprender pressupõe a capacidade de recorrer e utilizar diversificadas estratégias.

Para Roldão (1999, cit. por Lopes, 2006, p.74), o que se pretende “ (...) é que a aprendizagem seja significativa e que tenha sentido para quem a recebe. É encontrar os pontos de contacto, de união entre as diferentes

disciplinas. Assim, articular o currículo é adaptá-lo (...) vertical e horizontalmente.”

É essencial não negligenciar as dimensões afetivas e motivacionais que se encontram na base das aprendizagens significativas, portanto:

Estudar o Meio pressupõe, então, a emergência de componentes emocionais, afetivas e práticas de relação com ele, proporcionadas pela vivência de experiências de aprendizagem que promovam o desenvolvimento de competências específicas no âmbito da área disciplinar de Estudo do Meio que a Escola, enquanto espaço para a formalização do conhecimento, deve promover (Currículo Nacional do Ensino Básico – Competências Essenciais, 2001, p. 75).

De facto, o desenvolvimento afetivo e o desenvolvimento cognitivo são inseparáveis, e se o professor criar um ambiente propício baseado na confiança, a criança possuirá motivação, interesse e curiosidade para aprender, tentando tornar-se cada vez mais autónoma, no sentido de se questionar e de querer chegar a resultados sozinha. Do mesmo modo, a ligação afetiva com os contextos que lhe são familiares dá ao processo de aprendizagem um ambiente emocionalmente confortável.

O Estudo do Meio ao ser uma área interdisciplinar e intradisciplinar, não pode dispensar os contributos específicos das várias ciências que as integram (História, Geografia, Biologia, Economia e Ciências Físicas e Naturais, entre outras), sendo importante a ação do professor na gestão do processo ensino-aprendizagem, sobretudo na organização dos conteúdos a abordar, proporcionando aos alunos oportunidades de se envolverem em aprendizagens significativas.

Tendo em conta as diversas disciplinas de estudo que participam de forma ativa no currículo de Estudo do Meio, parece importante definir os parâmetros em que as mesmas se podem reunir, através de conexões entre temas em simultâneo.

Para tal, recorri a alguns autores que se debruçaram sobre esta questão com vista a explicar e distinguir as diferentes formas de integração disciplinar, tais como, multidisciplinar, pluridisciplinar, transdisciplinar e, interdisciplinar, sendo este último conceito o que mais interesse me suscita.

Segundo (Pombo et al., 1993, p. 11, citados por Carvalho e Freitas, 2010, p. 10), a integração disciplinar constitui uma “forma de ensino que estabelece articulação entre duas ou mais disciplinas”.

Conceitos como multidisciplinaridade e pluridisciplinaridade são observados, como sinónimos, compreendendo uma justaposição de disciplinas; a diferença entre elas está no facto de a multidisciplinaridade pressupor disciplinas diversificadas, sem ligação visível, e de a pluridisciplinaridade subentender disciplinas que se assemelhem nos seus campos de conhecimento. A transdisciplinaridade é, a junção de várias disciplinas através dos seus fundamentos comuns (Pombo et al., citados por Carvalho e Freitas, 2010).

A interdisciplinaridade “não se contenta com uma simples participação de diferentes disciplinas, pois procura utilizar esta participação diversa para tentar operar uma síntese entre os métodos utilizados” (Resweber, 1981, p. 68, citado por Carvalho e Freitas, 2010, p. 10).

Ainda segundo Carvalho (2006), a interdisciplinaridade prende-se com a extensão da utilização de conhecimentos de uma determinada área a outra, ao “mediar as divisões e fragmentações dos saberes, (...) e, ainda, articular de modo eficaz, via currículos, programas de ensino, projetos de pesquisa (...)” (Paviani, 2004, p. 17, citado por Carvalho, 2006, p. 13). Assim, de um modo geral, a interdisciplinaridade pressupõe a intercessão entre as várias áreas do saber, estreitando o distanciamento entre elas.

Assim, a palavra “interdisciplinaridade” é variável quanto ao seu significado, passando pela cooperação entre disciplinas, intercâmbio mútuo e ainda uma integração capaz de romper a estrutura de cada disciplina, alcançando aspetos comuns.

Para Roldão, o Estudo do Meio expõe um carácter bastante transversal por oferecer uma diversidade de áreas temáticas, desde a realidade natural à social, contribuindo para saberes de múltipla ordem, tais como: 1) o desenvolvimento do espírito crítico, de análise e reflexão; 2) a compreensão e apropriação de realidades que apelam à sensibilidade para a diversidade e para a diferença; 3) a construção da identidade e o sentimento de pertença; 4) o desenvolvimento da imaginação, da criatividade e da abstração, pelo prazer da descoberta; 5) a aquisição de atitudes e valores em relação ao mundo

natural, cultural e social (Roldão, 1995).

O programa do Estudo do Meio deve ser encarado numa perspetiva de desenvolvimento de competências a adquirir pelos alunos, tendo o professor o papel enquanto responsável por todo o processo de ensino-aprendizagem, que assume a função de facilitador e organizador de ambientes estimulantes de aprendizagens diversificadas e globalizadoras, já que o desenvolvimento das competências essenciais do Estudo do Meio passa pela sua inter-relação com as competências das outras áreas disciplinares e não disciplinares.

O Estudo do Meio tem, como nenhuma outra das disciplinas do 1.º Ciclo, responsabilidade na construção dos quatro “pilares” da educação enunciados no Relatório da UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI, coordenado por Jacques Delors (1996): **aprender a conhecer; aprender a fazer; aprender a viver juntos; aprender a ser** (Carvalho e Freitas, 2010, p. 31).

O processo de ensino-aprendizagem apresenta desafios, na construção mental do aluno, que depende muito das formas de ensino que provêm não só do ambiente escolar, mas também do seu dia-a-dia.

A motivação do aluno é uma variável importante do processo ensino-aprendizagem, na medida em que o rendimento escolar não pode ser explicado apenas por conceitos como inteligência, contexto familiar e condição socioeconómica.

É necessário refletir sobre o papel do docente, de modo a promover aprendizagens significativas. Este tem o papel fundamental de auxiliar, facilitar e promover o acesso dos alunos aos conteúdos, ligando-os à sua experiência quotidiana e proporcionar elementos de análise crítica, que possibilitem a ultrapassagem do “eu expressivo” para o “eu genérico ou social”. A metamorfose do saber sucede, através do sentir, pensar e agir (Mathias, 2011, p.1).

Esta afirmação permite compreender que a docência pode e deve contemplar grandes desafios, nos quais o profissional deverá procurar *aprender a aprender* e transmitir este saber aos seus alunos. De facto, “os maiores efeitos sobre a aprendizagem dos alunos ocorrem quando os professores se tornam aprendizes do seu próprio ensino e quando os alunos se tornam professores de si próprios”, o que remete para o facto de a

aprendizagem consistir num processo de constantes descobertas (Hattie, 2009, p.22, citado por Lopes e Silva, 2010, p.XXII).

Para Pelizzari, Kriegl, Baron, Finck e Dorocinsky (2002), quando a aprendizagem se faz por meio de descoberta, os conteúdos são admitidos de uma forma incompleta e não estaque, possibilitando novas associações e conexões com experiências já vividas ou que ainda se irão viver.

O professor deve partir das ideias prévias do aluno para desenvolver os seus saberes, reunindo informações que após analisadas e organizadas lhes vão permitir construir conceitos, privilegiando uma aprendizagem ativa que é executada pelo sujeito que aprende e não aquela que lhe é transmitida, desenvolvendo a construção de conceitos, apelando à criatividade, observação e análise do meio em que vive.

É a envolvimento no processo de aprendizagem que reorganiza o pensamento e, conseqüentemente, as redes de significados que retém do mundo (Moreira e Valadares, 2009). O ensino corresponde assim a “um processo social em que o professor e os seus alunos estão envolvidos” (ibidem, p. 32).

Se os professores transmitirem imagens positivas, desenvolvem nos alunos sentimentos de valorização e de segurança, conduzindo mais tarde ao sucesso escolar. Os alunos ao estarem motivados, mais facilmente atingem os seus objetivos (conhecimento), porque como estão intrinsecamente motivados confiam nas suas capacidades.

Um bom rendimento escolar parece estar associado a formas de autorregulação mais autónomas (identificada) e à motivação intrínseca, ou seja, à interiorização dos valores associados ao trabalho escolar (...) estes resultados sugerem, por um lado, que os estudantes mais intrinsecamente motivados estando mais empenhados obtêm melhores resultados escolares e, por outro lado, que as próprias experiências de sucesso contribuem para a manutenção nos estudantes do prazer intrínseco na realização das atividades escolares e para a sua valorização (Sá, 1998 citado por Freire, 2009, p. 282).

O professor tem a função de fazer com que os alunos despertem para o mundo que os rodeia, ao “redescobrir o seu quotidiano, procurando o que há nele de fascinante, desconhecido e estimulante na realidade rotineira a que estão tão habituados” (Roldão, 1995, p. 26).

Importa ainda evidenciar que o professor, regulado pela exigência do ensino, tem o papel de organizar e gerir todo o processo de ensino-aprendizagem. Sendo o 1.º Ciclo, uma área em que maioritariamente predomina o regime de monodocência, cabe ao docente proceder ao carácter interdisciplinar e integrador dos conteúdos (Carvalho e Freitas, 2010).

Tal poderá ser alcançado através de uma simples justaposição de assuntos, remetendo assim para a pluridisciplinaridade, a qual alguns autores consideram estar na base do processo da apresentação dos conteúdos escolares. Todavia, é fundamental um investimento “que aponte para uma apropriação integrada da realidade (...) que promova a interdisciplinaridade, ou, no mínimo, a articulação de diferentes saberes” (INIDE, 2005, p. 15, citado por Carvalho e Freitas, 2010, p. 11).

CAPÍTULO II

METODOLOGIA

Neste capítulo abordei o método de abordagem relativo às Ciências Sociais e Humanas, assente no paradigma qualitativo e interpretativo, pois tendo em atenção o problema e as intenções deste estudo, foi este o plano de investigação que adotei para a elaboração deste Relatório.

1. Investigação Qualitativa e suas características

No processo de pesquisa, o investigador pode-se guiar por duas orientações paradigmáticas, uma quantitativa e outra qualitativa.

Pode-se entender paradigma como um “sistema de crenças, princípios e postulados que dão sentido e rumo às práticas de investigação” (Serrano, 2004, p. 112).

Tendo em conta a natureza do problema a investigar, o contexto observado e os objetivos a atingir através deste estudo, o plano de investigação que convergiu para a elaboração deste Relatório seguiu o método de abordagem relativo às Ciências Sociais e Humanas, assente no paradigma qualitativo e interpretativo. Este paradigma qualitativo e interpretativo sustenta a veracidade de todo o seu caráter humano implícito e autores como Walsh, Tobin e Graue (2010) mencionam as abordagens qualitativas como sendo “extremamente vantajosas e estimulantes” para as investigações decorrentes do campo educativo (p. 1037). Segundo Afonso (2005, p.14), é um método humanístico, pois “preocupa-se com a recolha de informação fiável e sistemática sobre aspetos específicos da realidade social usando procedimentos empíricos com o intuito de gerar e inter-relacionar conceitos que permitam interpretar essa realidade”, sem que haja alteração nas formas de agir, comunicar e pensar dos intervenientes.

Bolster (1983, citado por Walsh, Tobin e Graue, 2010) defende que esta metodologia é a que:

(...) revela maior potencial para gerar um conhecimento que seja proveitoso e interessante para os professores (...). Em comum com a perspetiva do professor, ela contempla as causas e motivações dos vários acontecimentos em toda a sua multiplicidade; a sala de aula é vista como um sistema social complexo em que se operam influências diretas e indiretas (p. 1040).

A partir daquilo que observei, pretendo compreender e descrever como é que as situações do quotidiano são potenciadoras da aprendizagem dos alunos, tornando-a significativa e transportando-a para a aprendizagem formal em sala de aula, investigando os fenómenos observados na sua complexidade processual. Segundo Serrano (2004), a investigação qualitativa procura “compreender o fenómeno educativo a partir da indução dos significados dos próprios contextos na sua singularidade e complexidade”.

Sabendo que cada um dos paradigmas de investigação tem as suas vantagens e desvantagens, cabe ao pesquisador, saber qual a metodologia mais indicada para dar resposta às suas questões de investigação. Neste estudo, a metodologia qualitativa foi a mais indicada, uma vez que o meu objetivo não consiste em quantificar dados, mas sim interpretá-los dada a experiência realizada em campo. Assim, para dar a conhecer mais concretamente em que consiste uma pesquisa de natureza qualitativa, recorri a alguns autores de referência que se debruçaram sobre a mesma.

Denzin (1994), citado por Aires (2011), resume o processo de investigação qualitativa como

(...) uma trajetória que vai do campo ao texto e do texto ao leitor. Esta trajetória constitui um processo reflexivo e complexo. O investigador faz a pesquisa no terreno, para obter informação, orientando-se por duas persuasões básicas: persuasão científica que define e descreve a natureza da realidade social, e persuasão epistemológica que determina e orienta o modo de captar e compreender a realidade (p.16).

Segundo Rossman e Rallis (1998, citado por Creswell 2007) a pesquisa qualitativa tem as seguintes características: 1) ocorre num cenário natural, ou seja, o investigador realiza a sua pesquisa no local onde os participantes se encontram; 2) os métodos de pesquisa utilizados são interativos e humanísticos, cada vez mais envolvem a participação ativa dos participantes e têm em consideração a sua sensibilidade; 3) é emergente, pois vários aspetos podem surgir ao longo da pesquisa; 4) é principalmente interpretativa, pois o pesquisador faz uma interpretação de carácter pessoal dos dados recolhidos; 5) o pesquisador observa os fenómenos sociais de forma holística, pois este estudo é realizado através de uma visão ampla, e não, como uma microanálise; 6) o pesquisador reflete constantemente sobre o seu papel na investigação e é sensível à sua biografia pessoal, portanto, é influenciado pelo

seu modo de estar e ser, pelos seus valores e pelos seus princípios; 7) neste tipo de investigação o pesquisador deverá ter um raciocínio complexo multifacetado, interativo e simultâneo, por fim, 8) o investigador qualitativo deverá aplicar uma ou mais estratégias de investigação.

O estudo qualitativo é: interpretativo, pois destaca os valores e as experiências humanas; centra-se nos significados das relações humanas a partir de pontos de vista diferentes; o investigador quando está no terreno mantém-se sempre recetivo para reconhecer vários acontecimentos, mesmo que sejam inesperados; os resultados obtidos surgem da interação do investigador com os sujeitos em questão; é experimental, no sentido em que o torna empírico, ou seja, é baseado na experiência que o investigador vive no terreno; o investigador dá mais importância ao que os participantes vêem, do ao que sentem; há um esforço para ser naturalístico, ou seja, o investigador esforça-se para não interferir nem manipular, no que diz respeito à obtenção dos dados; é situacional, pois este tipo de estudo é realizado em locais ou contextos designados pelo investigador; este estudo tem mais características holísticas do que elementaristas, ou seja, dá mais importância ao conjunto global do contexto, do que a partes isoladas do contexto; os contextos são descritos em detalhes pelo investigador; é personalístico, pois o investigador realiza o seu estudo com o objetivo de compreender as percepções individuais, deste modo, dá ênfase à singularidade e privilegia a diversidade; as questões retratadas no processo de investigação, normalmente surgem dos participantes e não do investigador, por fim, os pesquisadores são éticos e são eles o principal instrumento de pesquisa (Stake, 2011).

A pesquisa qualitativa tem um caráter interpretativo que nos faz questionar o significado da informação que foi recolhida, tratando-se de uma investigação “interativa, concebida através de um processo contínuo de significados. Estes surgem através da arrumação de indicadores, que se destacam nas observações e que têm ligação com o problema” (Esteves, 2008, p. 103). Indicadores que poderão estar revestidos de variadas formas como, por exemplo, palavras, frases, padrões de comportamento, entre outros.

2. Técnicas de Recolha de Dados

Segundo Sousa (2009), instrumentos de recolha de dados são todas as ferramentas, meios ou métodos suscetíveis de utilizar no decorrer de uma investigação.

As técnicas de recolha de dados utilizadas para a realização desta investigação foram a observação, nomeadamente, o registo fotográfico e, o inquérito por questionário, este último, aplicado a professoras do 1.º CEB de duas instituições, o Colégio do Vale e a Escola Básica de Marco Cabaço, ambas pertencentes à freguesia da Charneca de Caparica.

Esta fase de levantamento de dados é decisiva em qualquer investigação, pois acontece de forma direta ou indireta no terreno a investigar, de modo a permitir uma análise geral de todo o material recolhido, construindo assim, conceitos que se articularão com a teoria (Guerra, 2006).

A recolha de dados “constitui a execução do instrumento de observação. (...) consiste em recolher ou reunir concretamente as informações determinadas juntos das pessoas ou das unidades de observação incluídas na amostra”. (Quivy & Campenhoudt, 2008, p. 183)

Segundo Miles e Huberman (1994, citado por Creswell 2007), o procedimento da recolha de dados deve incluir quatro aspetos fundamentais: o cenário, local onde a pesquisa será realizada; os atores, que serão os participantes ou as pessoas que irão ser entrevistadas; os eventos, que será o que os atores realizam enquanto estão a ser observados ou como serão entrevistados, e, o processo, que será a evolução que o pesquisador observa no decorrer dos eventos vividos no contexto do cenário.

Segundo Quivy e Campenhoudt (2005), o ato de observar consiste numa fase intermédia da investigação, ocorrendo após uma fase mais teórica e exploratória do problema-alvo, mas antes da fase conclusiva do estudo. Serão as leituras, aliadas ao que se observa na prática, que irão possibilitar a verificação do estudo (isto é, as respostas às questões levantadas pela problemática). Os mesmos autores afirmam ainda que “a observação pode tomar a forma da experimentação” (p. 155).

2.1. Observação

A observação “não é simplesmente uma questão de olhar algo e depois anotar “fatos”. É um processo complexo que combina sensação (vista, som, toque, cheiro e até mesmo gosto) e percepção”. A observação vai para além das opiniões, interpretações e comportamentos, pois através deste método é possível avaliar as ações na prática (Gray, 2012, p.320).

Para Afonso (2005, p.91), a observação consiste numa “recolha de dados particularmente útil e fidedigna, na medida em que a informação obtida não se encontra condicionada pelas opiniões e pontos de vista dos sujeitos, como acontece com outros instrumentos de recolha de dados como é o caso das entrevistas e questionários”.

Esta técnica permite ao investigador “o conhecimento direto dos fenómenos tal como eles acontecem num determinado contexto”, sendo que o mesmo autor caracteriza o contexto como sendo “o conjunto das condições que caracterizam o espaço onde decorrem as ações e interações das pessoas que nele vivem” (Máximo-Esteves, 2008, p. 87). Desta forma, a observação é determinante para realizar a compreensão do contexto e das interações dos indivíduos que nele se encontram. Contudo, a observação sendo um método natural e para que seja bem-sucedida, o investigador deverá praticar com regularidade, procurando manter a concentração e não se dispersando do seu objetivo inicial. (Máximo-Esteves, 2008).

A observação poderá ser diferenciada em dois tipos: estruturada e não estruturada. Contudo é pertinente referir, que toda a observação é de alguma forma estruturada “na medida em que o seu ponto de partida é sempre um questionamento específico do contexto empírico em causa, orientado, ou seja, estruturado, a partir das questões de partida e dos eixos de análise da investigação” (Afonso, 2005, p.92).

Na observação estruturada são utilizados instrumentos específicos de recolha de dados, tais como grelhas ou fichas, que implicam respostas simples, tais como sim ou não, para que a informação recolhida seja facilmente quantificável, na qual normalmente o investigador realiza antes de ir para o terreno e em função dos seus objetivos. Destaca-se que nesta forma de observação, para além da necessidade de antecipadamente o investigador

elaborar um plano de observação com as categorias necessárias à análise da situação em estudo, o investigador apenas presencia a situação em estudo, sem interferir na mesma. Desta forma, considera-se que nesta observação e pela natureza dos dados recolhidos, emerge uma investigação de carácter quantitativo, pois o objetivo central do investigador incide na observação dos resultados quantificáveis obtidos (Afonso, 2005).

Na observação não estruturada, o investigador interessasse no contexto do grupo que quer estudar, partilhando com os mesmos as suas experiências vividas, com o objetivo de descrever e compreender o modo como agem perante diversas situações do quotidiano (Cozby, 1989, citado por Afonso 2005). Contudo, este tipo de observação requer instrumentos de planeamento estrategicamente bem elaborados. Inicialmente são produzidas as notas de campo, ou seja, “o relato escrito daquilo que o investigador ouve, lê, experiencia e pensa no decurso da recolha” (Bogdan & Biklen, 1994, p. 150), que podem ser realizadas ao longo da observação ou imediatamente após a mesma, a partir de registos escritos ou de gravações em áudio. Seguidamente, a partir das notas de campo, são produzidos os relatórios de campo, sendo estes textos mais complexos e reflexivos. O diário de campo é um instrumento utilizado pelo investigador, na qual o mesmo reflete a forma como tem desenvolvido a sua investigação, quer a nível teórico quer a nível prático. Por fim, os memorandos teóricos, visam apoiar o investigador no desenvolvimento e validação das hipóteses explicativas do material recolhido. Este tipo de observação está assente numa metodologia qualitativa, pois o investigador visa a partir da mesma, da sua descrição, compreender e entender o contexto observado (Afonso, 2005).

2.1.1. Registo Fotográfico

Nos dias de hoje, a fotografia expõe-se como sendo uma das maiores demonstrações artísticas e expressivas da humanidade. O seu envolvimento nas ciências sociais faz com que este seja um instrumento primordial nas mais variadas pesquisas, sendo para além disso, uma aproximação de culturas, já que a imagem transmitida pode também ser sujeita a normas e princípios sociais com o intuito de uniformizar linguagens, interpretando códigos

comunicativos (Jolly, 2003, citado por Sarabia, s.d.).

O produto fotográfico ganha “vida própria” funcionando como um verdadeiro narrador dos acontecimentos vividos, pois:

Na perspectiva do autor da fotografia, diversos aspetos lhe foram motivadores a congelar aquele instante, a interromper o momento da realidade, causar um recorte num instante histórico e o transportar no tempo. Este é seu instrumento que, tamanha a sua importância, chega a inverter a relação da operação, passando de instrumento a autor (...) (Sarabia, s.d., p.4).

A mesma autora refere que as fotografias poderão ser alvo das mais variadas interpretações que lhes são inerentes enquanto obras de arte, que dependem, em larga escala, da visão única de cada indivíduo sobre o mundo e suas representações (ibidem).

Esses numerosos caminhos vão inevitavelmente, reordenar a essência do objeto, transportando os seus leitores para um determinado tempo e espaço. Assim, é aqui que se dá a “importância maior do registo de imagens e da sua valorização como componente do método de pesquisa, pois neste contexto [as fotografias] serão «contadoras de histórias»” (Sarabia, s.d., p. 3).

As vantagens do registo fotográfico recaem no sentido em que os participantes podem partilhar diretamente a sua realidade e é um método considerado criativo, pois do ponto de vista do modo visual, a fotografia atrai atenções. As limitações para este método incidem na difícil interpretação dos dados, as fotografias poderão ou não ser de carácter público e poderão ser de certa forma constrangedoras para os participantes (Creswell, 2007).

A fotografia permite o registo detalhado dos acontecimentos e permite também captar processos que sejam demasiado rápidos para o olho do observador. A desvantagem é que os participantes podem alterar o seu modo de estar na presença da máquina fotográfica (Gray, 2012).

2.1.2. Inquérito por questionário

O questionário consiste num conjunto de questões sob a forma escrita, que geralmente é elaborado de igual modo e atribuído a todos os respondentes. A vantagem do questionário é que se pode aplicar a uma grande quantidade de respondentes. O pesquisador elabora o questionário

com um objetivo específico, deste modo, analisa os questionários e transforma a informação obtida em dados pré-formatados (Stake, 2011).

Os questionários são um meio de pesquisa, ao qual, os questionados devem responder ao conjunto de perguntas que se encontram numa ordem predeterminada. Deve ser aplicado a um grupo de amostra consideravelmente grande, para que se possa aplicar questões padronizadas. Deste modo, o questionário será um ótimo instrumento para explorar relações entre variáveis. O questionário deve estar estruturado de uma forma organizada e com uma sequência lógica, para que o questionado possa interpretá-lo de uma forma correta (Gray, 2012).

O formato do questionário é organizado de acordo com o género de perguntas que o investigador pretende realizar. Assim, poderá efetuar vários tipos de questões como, por exemplo: diretas ou indiretas, gerais ou específicas, ou poderá também apresentar propostas, neste caso, o questionado terá de optar por classificar verdadeiro ou falso (Afonso, 2005).

Tem como objetivo principal “converter a informação obtida dos respondentes em dados pré-formatados, facilitando o acesso a um número elevado de sujeitos e a contextos diferenciados” (Afonso, 2005, p.101).

3. Análise e interpretação de Dados

Para começar, a “análise qualitativa é (ou deveria ser) um processo rigoroso e lógico por meio do qual se atribui sentido aos dados” (Gray, 2012, p. 399).

Assim, o tratamento da informação qualitativa é um processo ambíguo, demorado e reflexivo, que se realiza numa lógica de crescimento e aperfeiçoamento. A formatação do dispositivo constrói-se e consolida-se à medida que os dados recolhidos vão sendo organizados e trabalhados. O material (documentos, notas de campo, respostas a questionários,..) recolhido pelo investigador, deve ser investigado e trabalhado com o intuito de dar resposta aos objetivos da pesquisa. Com o decorrer da análise do material empírico qualitativo, o investigador vai elaborar um texto que consiste numa construção interpretativa singular, que é fruto do contato entre o contexto observado e o olhar do investigador (Afonso, 2005).

Strauss & Corbin (1998, citado por Afonso, 2005) propõem três abordagens à construção interpretativa – descrição, estruturação conceptual e teorização. A descrição é o primeiro passo que o investigador realiza para atingir o processo interpretativo. Consiste na elaboração de um texto escrito para descrever uma situação que o investigador presenciou, ou teve conhecimento ou apenas sentiu, neste último caso, poderá ser uma emoção ou um sentimento. A estrutura conceptual está situada no patamar intermédio na construção do processo interpretativo e é definida como organização da informação recolhida em categorias específicas, de acordo com os vários critérios que o investigador ache pertinente ou necessário. Após os dados estarem organizados, será mais simples para o investigador realizar o seu texto descritivo com maior profundidade analítica. O último plano da construção interpretativa é a teorização, que consiste em consolidar a teoria em construção, através de considerações de implicação do esquema, organização de trabalho empírico e o confronto entre a informação que o investigador já tem e a nova informação que surge.

CAPÍTULO III

ATIVIDADES DESENVOLVIDAS

Neste capítulo mencionei algumas das atividades planeadas e implementadas por mim e para as quais, tive em atenção o grupo de crianças a que eram dirigidas, a integração no programa curricular e as aprendizagens que derivavam das mesmas.

Estas atividades tiveram como enfoque a área de Estudo do Meio e a interdisciplinaridade, a partir da qual, se fez a interligação com conteúdos de outras áreas, como de seguida, poderei demonstrar.

1. Atividade “A Família”

Data da realização: 3 de dezembro de 2013

Esta atividade consistia na leitura e exploração do livro “*A Noite de Nata*” de Sophia de Mello Breyner Andresen e decidi realizá-la, porque a leitura de histórias nesta faixa etária pode incentivar a formação do hábito de leitura, já que esta é a idade em que todos os hábitos se formam. Neste sentido, considero ainda que a literatura infantil é um caminho que leva a criança a desenvolver a imaginação e criatividade.

Esta leitura foi o ponto de partida que escolhi para falar sobre a Família. A Família tem um papel fundamental no desenvolvimento de cada criança, pois é no seio familiar que se transmitem os valores morais e sociais que servirão de base para o processo de socialização da criança, bem como as tradições e os costumes. Uma Família, é aquela que nos transmite confiança, segurança, conforto, bem-estar e com que se partilha momentos muito importantes que sempre iremos lembrar com muita ternura.

Integração no programa curricular

Tema e Tópicos:

Bloco 2 – À Descoberta dos Outros e das Instituições

- Os Membros da sua Família

Objetivos Específicos:

Os Membros da sua Família

- Estabelecer relações de parentesco
 - Construir uma árvore genealógica simples – até à 3.^a geração (avós)

Em simultâneo foram alcançadas as seguintes **metas de aprendizagem:**

Estudo do Meio:

Domínio: Conhecimento do Meio Natural e Social

Subdomínio: Compreensão Histórica Contextualizada

- ✓ *Meta Final 14* – O aluno sistematiza conhecimento de si próprio, da sua família, comunidade, história local, nacional e europeia relativamente ao passado próximo e ao passado mais longínquo.

O aluno estabelece relações de parentesco (direto e colateral) até à 3.^a geração e constrói árvores genealógicas (exemplo: árvore genealógica de geração, esquemas genealógicos e árvores de costados), tendo em conta as diversas modalidades de família existentes na sociedade atual.

Português:

Domínio: Oralidade O3

- ✓ *Meta Final 1* – Escutar para aprender e construir conhecimentos.
Identificar informação essencial.
- ✓ *Meta Final 3* - Produzir discursos com diferentes finalidades, tendo em conta a situação e o interlocutor.
Recontar, contar e descrever.
- ✓ *Meta Final 7* - Apropriar-se de novos vocábulos.
Reconhecer o significado de novas palavras, relativas a temas do quotidiano, áreas de interesse dos alunos e conhecimento do mundo (por exemplo, relações de parentesco).

Domínio: Gramática G3

- ✓ *Meta Final 27* – Conhecer propriedades das palavras.
Identificar nomes próprios e comuns;
Identificar as três conjugações verbais.

Matemática:

Domínio: Números e Operações NO3

Subdomínio: Números Naturais

- ✓ *Meta Final 1* – Conhecer os numerais ordinais.
Utilizar corretamente os numerais ordinais até ao “centésimo”.

Expressão Plástica:

Domínio: Apropriação da Linguagem Elementar das Artes

Subdomínio: Comunicação Visual e Elementos da Forma

- ✓ Meta Final 25) O aluno adquire e aplica a linguagem elementar das artes visuais para identificar e analisar técnicas em obras artísticas e noutras narrativas visuais, em situações de observação e/ou da sua criação plástica.

Materiais Utilizados

- Livro “A Noite de Natal”, de Sophia de Mello Breyner Andresen;
- Quadro, marcadores, palavras impressas e plastificadas, bostic;
- Moldes em cartolinas (copa – verde escuro e tronco - castanho), tesouras, colas líquidas, réguas e caneta (azul ou preta).

Procedimento

1. Leitura do livro “A Noite de Natal”, de Sophia de Mello Breyner Andresen
2. Conversa com os alunos sobre a história
3. Classificar e seriar (nomes, verbos e adjetivos)
4. Diálogo sobre o Natal (com quem costumam passar, ...)
5. Introdução ao tema “Graus de Parentesco” e registo no caderno
6. Elaboração individual da árvore genealógica
7. Realização de uma árvore para o placard
8. Apresentação das árvores genealógicas realizadas com o apoio das Famílias e exposição das mesmas (*)

(*) Realizado no dia 9 de dezembro de 2013

Esta atividade teve como ponto de partida a leitura de uma obra de literatura-juvenil, a história “A Noite de Natal” de Sophia de Mello Breyner Andresen. Esta leitura foi realizada de forma entoada, com o intuito de todo o grupo estar atento à mesma. Escolhi esta história, porque fala de dois meninos que ficaram amigos e pelo facto de o Natal de ambos ser muito diferente, sendo este, o meu objetivo, ou seja, que cada aluno refletisse sobre o seu Natal, detetasse semelhanças e/ou diferenças e do que realmente era

importante (os presentes ou estar junto da família e de quem gosta de nós recebendo a sua companhia e carinho).

Após a leitura, coloquei algumas questões ao grande grupo:

1. Se alguma vez já tinham ouvido ou lido esta história?
2. O que é que acharam de diferente entre o natal dos dois amigos?
3. O que é mais importante? Os presentes ou a família?

Relativamente à primeira questão, a grande maioria dos alunos respondeu que já tinha ouvido a história.

Em relação à segunda questão, saliento algumas das respostas que me foram dadas:

A “S” disse: “Professora, a Joana recebeu todos os presentes que queria e o seu amigo Manuel não, porque era pobre.”

O “T” disse: “A Joana recebeu muitos presentes mas estava triste, porque o Manuel não recebeu nada.”

Eu aproveitei e perguntei: “E o que é que vocês acham? Gostam mais de receber os presentes que pediram ou estar com a vossa família?”, respondendo assim à terceira questão.

O “G” disse: “Professora, o meu Natal é diferente do Natal do Manuel e da Joana. Passo com os meus avós, os pais da minha mãe, com o meu irmão e com a minha mãe. Mas sabes, eu gosto mais de estar com eles do que receber os presentes.”

A “C” disse: “Eu gosto muito de receber presentes nesse dia.”

Não desfazendo as respostas dos alunos, desenhei no quadro três círculos para se fazer a classificação e seriação de palavras previamente selecionadas, impressas e plastificadas por mim e dando a possibilidade aos alunos para escolherem outras. As palavras selecionadas foram nomes, adjetivos e verbos. À medida que ia lendo as palavras, os alunos colocavam o dedo no ar, eu pedia a um para se levantar e para fazer a classificação e seriação da palavra que lhes tinha calhado.

Após este exercício, voltei a abordar o grupo sobre com quem é que passam a consoada e o dia de Natal, sendo esta conversa, o ponto de partida para a introdução dos “Graus de Parentesco” e registo no caderno diário (anexo II – 1).

Concluído o registo, distribui por toda a turma os moldes (que teriam de recortar) para cada um deles realizar a sua árvore genealógica. Quando já todos tinham os moldes recortados, solicitei a atenção de todos para verem o que iria explicar. Então, no quadro exemplifiquei como poderiam fazer, apresentando a minha própria árvore genealógica.

Em forma de conclusão desta atividade, cada aluno foi à frente de todo o grupo, apresentar a sua árvore genealógica, identificando cada elemento e a que geração pertencia.

Para finalizar e como pretendia incluir as Famílias nesta atividade, pedi que juntos elaborassem uma outra árvore genealógica para, posteriormente, apresentarem ao grupo e expor no placard do corredor.

2. Atividade “Portugal – A nossa Nação”

Data da realização: 31 de janeiro de 2014

Esta atividade consistia no reconhecimento de símbolos locais, regionais e nacionais e decidi realizá-la, porque será uma forma diferente de colocar as crianças em contacto com esta realidade, estimulando o interesse sobre a história da nossa nação.

Estes símbolos representam a nossa nação, a nossa identidade, destacando o nosso povo, o local de onde somos provenientes. São, deste modo, símbolos pelos quais devemos ter o maior respeito.

Sabendo que as crianças têm muita curiosidade sobre o seu passado e suas origens, que já estiveram de alguma forma em contacto com estes símbolos, é importante que o professor desenvolva estes temas, levando-as a querer saber qual o significado e a importância destes mesmos símbolos, aprofundando antecipadamente os seus horizontes e procurando informação pertinente que possa partilhar com o grupo.

Integração no programa curricular

Tema e Tópicos:

Bloco 2 – À Descoberta dos Outros e das Instituições

- Símbolos Locais e Símbolos Regionais
- Os Símbolos Nacionais

Objetivos Específicos:

Reconhecer Símbolos Locais e Símbolos Regionais

- Da freguesia
- Do concelho
- Do distrito
- Dos Açores
- Da Madeira

Símbolos Nacionais

- Hino Nacional
- Bandeira de Portugal

Em simultâneo foram alcançadas as seguintes **metas de aprendizagem:**

Estudo do Meio:

Domínio: Dinamismo das Inter-relações Natural-Social

Subdomínio: Dinamismo das Inter-relações entre Espaços

- ✓ *Meta Final 31* – O aluno refere elementos da sua identidade cultural, diferenciadores e comuns à identidade de membros de outras culturas, manifestando o sentido de pertença e o respeito pela diversidade de culturas.

O aluno confronta elementos da sua identidade com a de outros membros da comunidade, desenvolvendo o seu sentido de pertença cultural, e respeitando as pertenças a outras culturas.

Português:

Domínio: Oralidade O3

- ✓ *Meta Final 1* – Escutar para aprender e construir conhecimentos.
Identificar informação essencial.

Domínio: Leitura e Escrita LE3

- ✓ *Meta Final 7* – Apropriar-se de novos vocábulos.

Reconhecer o significado de novas palavras, relativas a temas do quotidiano, áreas do interesse dos alunos e conhecimento do mundo.

- ✓ *Meta Final 19* – Escrever textos diversos.

Escrever textos de escrita lúdica (Acróstico).

Matemática:

Domínio: Geometria e Medida GM2

Subdomínio: Figuras geométricas

- ✓ *Meta Final 3* - Utilizar corretamente os termos «numerador» e «denominador».
- ✓ *Meta Final 4* - Utilizar corretamente os numerais fracionários.
- ✓ *Meta Final 5* - Utilizar as frações para designar grandezas formadas por certo número de partes equivalentes a uma que resulte de divisão equitativa de um todo.

Expressão Plástica:

Domínio: Apropriação da Linguagem Elementar das Artes

Subdomínio: Comunicação Visual e Elementos da Forma

- ✓ *Meta Final 25* – O aluno adquire e aplica a linguagem elementar das artes visuais para identificar e analisar técnicas em obras artísticas e noutras narrativas visuais, em situações de observação e/ou da sua criação plástica.

Expressão Musical:

Domínio: Desenvolvimento Auditivo

Subdomínio: Interpretação e Comunicação

- ✓ *Meta Final 6* – O aluno canta sozinho e em grupo, com intencionalidade expressiva, canções de diferentes formas, géneros e estilos.
O aluno participa, cantando, em manifestações artísticas públicas.

Domínio: Compreensão das Artes no Contexto

Subdomínio: Culturas Musicais nos Contextos

- ✓ *Meta Final 14* – O aluno reconhece e valoriza a música como construção social, como património e como fator de identidade social e cultural.

Materiais Utilizados

- 15 Bandeiras do concelho de Almada, 15 Brasões da freguesia da Charneca de Caparica, 15 Bandeiras de Portugal e 15 Folhas A4 com o Hino Nacional impresso e a pauta musical do mesmo;
- Computador portátil, colunas de som e retroprojektor (reprodução do Hino Nacional) para depois os alunos cantarem, seguindo a letra;
- Quadro, marcadores, manual de Estudo do Meio da Areal Editores do 3.ºAno e caderno de Estudo do Meio;
- 4 Folhas A3 onde está impressa a Bandeira de Portugal a preto e branco (1 para cada grupo), tintas (amarelo, azul, verde e vermelho), frascos e pincéis;
- Folhas A4 de rascunho, 3 folhas A4 coloridas (1 para cada grupo), lápis de carvão, borracha, caneta (azul ou preta) e colas líquidas.

Procedimento

1. Introdução ao tema com a apresentação dos símbolos e os seus significados, registando no caderno
2. Exploração e reprodução do Hino Nacional “A Portuguesa”
3. Trabalho de grupo
 - a. Pintura da bandeira de Portugal
 - b. Elaboração de um acróstico a partir da palavra “Portugal”

Esta atividade teve início com a apresentação e exploração dos símbolos de Portugal, nomeadamente, os símbolos regionais, locais e nacionais e, posteriormente, à exploração e reprodução do Hino Nacional “A Portuguesa”. Para a realização destas tarefas, recorri ao Manual do Estudo do Meio, um portátil, colunas de som e um retroprojektor.

Preocupei-me em falar de forma cuidadosa e detalhadamente sobre cada um destes símbolos (concelho de Almada, freguesia da Charneca de Caparica, Bandeira de Portugal e Hino Nacional), especificando que cada elemento que esteja patente nas bandeiras/brasões têm o seu significado e simbolismo. No momento em que falei das cores da bandeira Nacional e da parte que ocupam na bandeira, abordando o tema “Frações”, beneficiei o facto

de na sala de aula existir um chocolate fracionário e utilizei-o, para desenvolver outros exemplos de frações. Ao verem as bandeiras dos Açores e da Madeira, ficaram curiosos e, como eu não tinha feito essa pesquisa anteriormente, resolvi fazê-la em conjunto com o grupo através do portátil e também com o auxílio do retroprojektor.

Em relação ao Hino, primeiro fiz uma leitura integral do mesmo, explorámos a letra do Hino e, de seguida, cantámos todos de pé o Hino, ao mesmo tempo que estava a reproduzir através do computador e retroprojektor para o quadro.

Após este momento, fez-se um registo sobre o que foi trabalhado no caderno diário (anexo II – 2).

Posteriormente, formei pequenos grupos de quatro e cinco elementos cada, em que cada grupo tinha duas tarefas. A primeira era pintar uma bandeira de Portugal de tamanho A3 com as tintas correspondentes e, a segunda era elaborarem um acróstico a partir da palavra “Portugal”. Escolhi este exercício, para poderem desenvolver a criatividade que há dentro de cada um.

Terminadas estas tarefas, iriam apresentar a todo o grupo.

3. Atividade “As Plantas – Germinação por Semente”

Data da realização: 17 de janeiro de 2014

Esta atividade consistia na introdução do tema “*Seres Vivos – As Plantas*” e decidi realizá-la, porque é importante falar das plantas como seres vivos que são e o papel fundamental que têm na Terra.

Optei por fazer a germinação por semente em vasos orgânicos, levando um vaso para cada criança. Após a germinação, cada criança iria ter como tarefa cuidar da sua semente e ir verificando o crescimento da mesma ao longo do tempo.

Integração no programa curricular

Tema e Tópicos:

Bloco 3 – À Descoberta do Ambiente Natural

- Os seres vivos do ambiente próximo

Objetivos Específicos:

Os seres vivos do ambiente próximo

- Comparar e classificar plantas segundo alguns critérios, tais como: cor da flor, forma da folha, folha caduca ou persistente, forma da raiz, plantas comestíveis e não comestíveis...
- Realizar experiências e observar formas de reprodução das plantas (Germinação por semente)
- Reconhecer a utilidade das plantas (alimentação, mobiliário, ...)
- Identificar alguns fatores do ambiente que condicionam a vida das plantas (água, ar, luz, temperatura, solo).

Em simultâneo foram alcançadas as seguintes **metas de aprendizagem:**

Estudo do Meio:

Domínio: Conhecimento do Meio Natural e Social

Subdomínio: Viver melhor na Terra

- ✓ *Meta Final 22* – O aluno caracteriza modificações que ocorrem nos seres vivos e relaciona-as com manifestações de vida.

O aluno identifica manifestações de vida (de animais e plantas, especialmente do seu meio) em diferentes fases do seu desenvolvimento e cuidados a ter ao longo da vida;

O aluno distingue a diversidade de sementes em função de algumas das suas características (exemplos: forma, cor, tamanho, textura, massa, ...);

O aluno distingue a multiplicidade de formas, características e transformações que ocorrem nos seres vivos ou parte deles;

O aluno identifica a influência de alguns fatores ambientais (água e luz) na germinação das sementes e reconhece a variação do tempo de germinação de sementes de espécies distintas, mesmo quando sujeitas a condições ambientais semelhantes;

O aluno demonstra pensamento científico (prevendo, planejando, experimentando, ...) explicitando as diferentes variáveis e fatores ambientais que podem influenciar o crescimento de plantas e quais os efeitos da variação de cada um deles.

Português:

Domínio: Oralidade O3

- ✓ *Meta Final 1* – Escutar para aprender e construir conhecimentos.
Descobrir pelo contexto o significado de palavras desconhecidas;
Identificar informação essencial.
- ✓ *Meta Final 3* - Produzir discursos com diferentes finalidades, tendo em conta a situação e o interlocutor.
Recontar, contar e descrever.

Domínio: Leitura e Escrita LE3

- ✓ *Meta Final 14* – Planificar a escrita de textos.
Registar ideias relacionadas com o tema, organizando-se.

Expressão Plástica:

Domínio: Apropriação da Linguagem Elementar das Artes

Subdomínio: Comunicação Visual e Elementos da Forma

- ✓ *Meta Final 29* – O aluno reconhece e relaciona as diferentes formas dos objetos no património natural (natureza, objetos do quotidiano) e no património artístico (pintura, escultura, arquitetura, entre outros), compreendendo a diferença entre valor utilitário e estético das formas.
O aluno cria composições plásticas visuais, bi e tridimensionais, através de modalidades expressivas diversas – pintura, Instalação Land Art, desenho, colagem, maquetas, mobiles, Assemblages, técnicas mistas e meios digitais.

Materiais Utilizados

- Computador portátil e retroprojektor para a apresentação da história “João o pé de feijão”;
- Quadro para a elaboração do reconto e marcadores;

- Cadernos diários, canetas (de cor – título e azul/preta - texto), lápis de carvão, borracha e lápis de cor.
- Computador e retroprojektor para a apresentação do PowerPoint;
- Vasos orgânicos, sementes, recipientes, terra, uma garrafa de água com um furo na tampa, pano, recipiente para colocar por baixo dos vasos;
- Ficha formativa elaborada por mim em conjunto com a professora cooperante e quadro para a explicação e correção da mesma;
- Pás, pneus, luvas, tintas, trinchas.

Procedimento

1. Leitura e reconto da história “João e o pé de feijão”
2. Apresentação do tema “Seres Vivos – As Plantas” em PowerPoint
3. Germinação por semente
4. Realização de uma ficha formativa em conjunto (alunos e professora) na sala de aula
5. Cultivar no pátio do Colégio (*)

(*) Realizado no dia 20 de janeiro de 2014

Iniciei esta atividade com a leitura da história “João e o pé de feijão”, utilizando o portátil e o retroprojektor. Após a leitura, falámos sobre a mesma e, em conjunto, fomos fazendo o reconto da história e os alunos foram registando-o no caderno diário de Português.

Após terem regressado do intervalo, sentaram-se e iniciei a introdução do tema, através de um PowerPoint por mim elaborado. Terminada a apresentação deste documento, questionei o grupo se alguém tinha alguma horta ou se já tinham semeado alguma coisa, ao que surgiram as seguintes respostas:

O “D” disse: “Professora, o meu avô tem uma grande horta e tem muitos alimentos. Tem cenouras, alfaces, tomates, batatas, ... muitas coisas.”

E eu perguntei-lhe: “D, costumás ajudar o teu avô a tratar da horta? O que é que ele costuma fazer?”

O “D” respondeu: “Eu costumo deitar água, regá-las, porque ao fazer isso, elas vão crescendo e chega uma altura em que o meu avô diz que já se podem

arrancar. Depois de as arrancar, a minha avó lava muito bem e depois está pronto para comermos.”

Ao que eu respondi: “Como muitos de vocês ainda nunca semearam, hoje vamos fazer germinação por semente”.

Então, coloquei dois a dois cada um com o seu vaso e em cada mesa um recipiente com terra. Primeiro colocaram a terra, depois distribui por cada um algumas sementes, voltaram a colocar terra para tapar as sementes e, por fim, colocaram um pouco de água.

Terminado o intervalo da hora de almoço, dei a cada um, um exemplar do PowerPoint; estivemos a lê-lo, a esclarecer dúvidas e curiosidades; e, posteriormente, realizou-se uma ficha formativa em conjunto (anexo III – 3), ou seja, eu ia lendo as questões, eles levantavam o dedo para dar a sua opinião e iam escrever no quadro. Tive especial atenção para que não fossem sempre os mesmos a responder, dando oportunidade aos restantes.

Segunda-feira, dia 20, fomos cultivar os vasos orgânicos no pátio do Colégio dentro de pneus.

4. Atividade “Maqueta sobre relevo e meios aquáticos”

Data da realização: 21 fevereiro de 2014

Esta atividade consistia na elaboração de uma Maqueta com materiais recicláveis onde iriam estar presentes os diferentes relevos e meios aquáticos que constituem o território e decidi realizá-la, porque é uma atividade lúdica, onde se promove o trabalho e espírito de equipa em que todos contribuem para o produto final, onde se desenvolve a criatividade e imaginação.

Integração no programa curricular

Tema e Tópicos:

Bloco 3 – À Descoberta do Ambiente Natural

- Aspectos físicos do meio local

Objetivos Específicos:

Aspectos físicos do meio local

- Distinguir formas de relevo existentes na região
- Distinguir meios aquáticos existentes na região

Em simultâneo foram alcançadas as seguintes **metas de aprendizagem:**

Estudo do Meio:

Domínio: Conhecimento do Meio Natural e Social

Subdomínio: Conhecimento dos Lugares e das Regiões

- ✓ *Meta Final 9* – O aluno descreve e compara elementos físicos e humanos de lugares e regiões, utilizando vocabulário adequado.

O aluno compara as formas de relevo, os rios e o povoamento da região onde vive com os de outras regiões do país, utilizando vocabulário adequado.

Português:

Domínio: Leitura e Escrita LE3

- ✓ *Meta Final 7* – Apropriar-se de novos vocábulos.

Reconhecer o significado de novas palavras, relativas a temas do quotidiano, áreas do interesse dos alunos e conhecimento do mundo.

Matemática:

Domínio: Geometria e Medida GM2

Subdomínio: Figuras geométricas

- ✓ *Meta Final 2* – Reconhecer e representar formas geométricas.

Identificar pirâmides e cones, distinguir poliedros de outros sólidos e utilizar corretamente os termos “vértice”, “aresta” e “face”;

Identificar figuras geométricas numa composição e efetuar composições de figuras geométricas.

Expressão Plástica:

Domínio: Apropriação da Linguagem Elementar das Artes

Subdomínio: Comunicação Visual e Elementos da Forma

- ✓ *Meta Final 29* – O aluno reconhece e relaciona as diferentes formas dos objetos no património natural (natureza, objetos do quotidiano) e no património artístico (pintura, escultura, arquitetura, entre outros), compreendendo a diferença entre valor utilitário e estético das formas.

O aluno cria composições plásticas visuais, bi e tridimensionais, através de modalidades expressivas diversas – pintura, Instalação Land Art,

desenho, colagem, maquetas, mobiles, Assemblages, técnicas mistas e meios digitais.

O aluno relaciona os objetos com as formas que eles representam na observação de imagens.

- ✓ *Meta Final 30* – O aluno reconhece as diferentes texturas nos elementos/objetos do património natural (natureza, objetos do quotidiano) e no património artístico (pintura, escultura, arquitetura, entre outras).

O aluno utiliza diferentes técnicas na composição plástica (o desenho, a fotografia, a pintura, a colagem, técnica mista) e vários materiais (lápiz de carvão, pastel de óleo ou seco, tintas, papéis, tecidos, areia, plástico, entre outros), enfatizando as diferentes texturas em ambientes imaginados ou sugeridos.

Materiais Utilizados

- PowerPoint sobre “Relevo e Meios Aquáticos”, portátil, retroprojektor e o quadro;
- Material reciclado – 8 caixas (3 de cereais, 1 de pasta dos dentes, 1 de giz, 1 de lápis de cor, 1 de chá e 1 de 1 dúzia de ovos), 4 paus de espetada e 5 rolhas;
- Esferovite retangular azul (suporte-base), tintas (azul, branco, castanho, verde e vermelho), pincéis, frascos, água, trinchas;
- Areia, 5 alfinetes, 1 rolo de papel higiénico, cola branca, bolas de esferovite, fita-cola, cola líquida uhu, tesoura e 3 folhas A4 (para fazer barcos).

Procedimento

1. Apresentação do tema com recurso às novas tecnologias, a Internet
2. Trabalho de grupo
 - a. Elaboração da maqueta

Para esta atividade recorri às novas tecnologias, a Internet, mostrando imagens reais e, de seguida, dividi a turma em dois grandes grupos, em que

um grupo ficou comigo a fazer esta atividade e o outro grupo ficou com a professora titular a fazer uma outra atividade já planeada anteriormente.

Todo este processo está bem patente no anexo I – 4, através do registo fotográfico.

Decidi fazer esta atividade utilizando esta estratégia, para se tornar numa aprendizagem mais dinamizadora e para fortalecer as relações já existentes entre o grande grupo e as professoras, onde existiu a troca de opiniões e a interajuda.

CAPÍTULO IV

RESULTADOS DA INVESTIGAÇÃO

Neste capítulo enuncio os resultados das atividades anteriormente detalhadas, em termos da sua viabilidade interdisciplinar a partir de conteúdos do Estudo do Meio.

1. Resultados da Aprendizagem

1.1. Atividade “A Família”

Com esta atividade, pretendi demonstrar a ideia muitas vezes apontada de que uma obra de literatura infantojuvenil passa sobretudo pelo estudo e exploração da língua – neste caso, o Português. Não pretendendo afirmar o contrário, há que usufruir da riqueza dos mais diversos temas que quase sempre (senão sempre) as obras de literatura infantojuvenil são dotadas, permitindo criar ligações entre os mesmos, transpondo-os para a vida real e para os tópicos que constam do currículo em vigor.

Por estes motivos, considerei que poderia utilizar esta obra para introduzir as temáticas do Estudo do Meio, relativas ao Bloco 2 – À Descoberta dos Outros e das Instituições, recaindo nomeadamente sobre os membros da família.

Esta atividade mostrou-se enriquecedora do ponto de vista curricular, uma vez que juntou alguns dos conteúdos das mesmas, de uma forma transversal e dinamizadora, tendo como ponto de partida o Estudo do Meio. Partindo-se à descoberta e exploração de temas subjacentes das outras áreas curriculares, como o Português, a Matemática e a Expressão Plástica.

A nível do Português, esteve presente na oralidade que foi explorada de uma forma individualizada e adaptada no decorrer dos diversos diálogos que se realizavam ao longo da atividade, entre professora e alunos e, também durante a apresentação da árvore genealógica de cada elemento, que se pode observar pelas fotografias 1 e 2, na medida em que lhes foi atribuída total liberdade de expressão. Relativamente à gramática, esteve patente na classificação e seriação de palavras que foi realizada no quadro.

A nível da Matemática, esteve presente na devida utilização dos numerais ordinais, na medida em que abordámos até à terceira geração dos graus de parentesco.

A nível da Expressão Plástica, esteve presente no recorte, colagem e

composição dos moldes que lhes facultei para elaborarem no caderno diário a sua árvore genealógica, como se pode verificar nas fotografias 3 e 4.

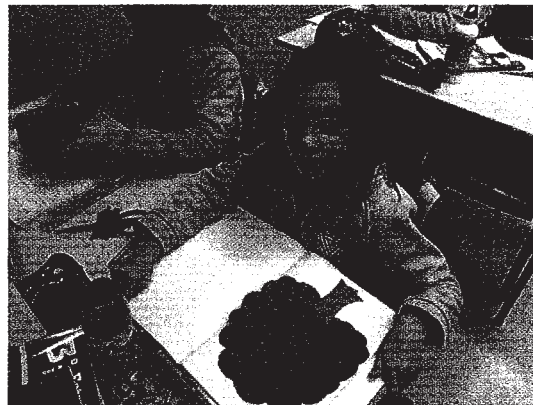
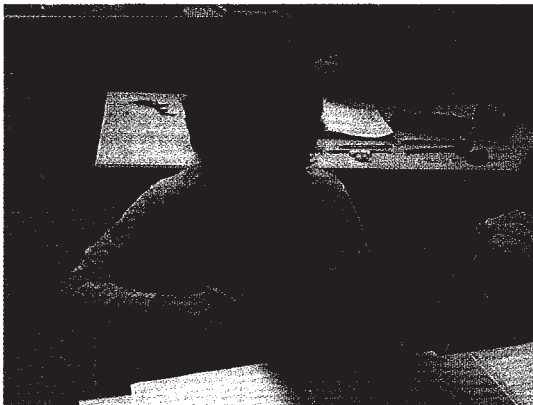
Sumariamente, considero que fui capaz de abordar este tema de uma forma menos tradicional, proporcionando ao grupo um momento diferente, através de experiências e vivências dos próprios alunos, uma vez que se interessam em partilhar ideias e sentimentos sobre a sua própria realidade.

Quanto às aprendizagens das crianças, estas corresponderam às expectativas, descobrindo como já foi referida a intencionalidade das minhas ações/tarefas. Os fatores facilitadores desta aprendizagem são a turma ser interessada, comunicativa e participativa, no entanto, por vezes o impulso e a espontaneidade em dar resposta imediata às questões colocadas, provoca algum distúrbio durante a tarefa, ou seja, dificulta a gestão da sala de aula.

Perante isto, penso que existe viabilidade para afirmar que a execução desta proposta alcançou a interdisciplinaridade a partir de um conteúdo de Estudo do Meio, na qual as crianças aprenderam e/ou relembrou, verdadeiramente, temas das diferentes áreas de uma forma transversal, nomeadamente atingindo as metas curriculares: i) no Estudo do Meio, a sistematizar conhecimentos de si próprio e da sua família, relativamente ao seu passado próximo e mais longínquo, estabelecer relações de parentesco até à 3.^a geração e descrever aspetos significativos da sua história pessoal e familiar; ii) no Português, a produzir discursos, a apropriar-se de novos vocábulos e a conhecer propriedades das palavras; iii) na Matemática, a utilizar corretamente os numerais ordinais até ao “centésimo”; iv) na Expressão Plástica, a aplicação de técnicas de desenho e pintura em obras artísticas, por observação e sua criação plástica.



Fotografias 1 e 2 – Momento de partilha das várias árvores genealógicas. À vez, cada criança apresentava oralmente a sua família, de forma livre e espontânea, mostrando-a ao grupo.



Fotografias 3 e 4 – As crianças no momento do recorte, colagem e composição dos moldes para a elaboração da árvore genealógica no caderno diário.

1.2. Atividade “Portugal – A nossa Nação”

Nesta atividade, como o tema está em volta de acontecimentos históricos e, conseqüentemente, de conceitos/situações complexas e abstratas fora da realidade vivenciada pelos alunos, optei por fazer este estudo de uma forma mais atrativa e sugestiva. Para tal, recorri às novas tecnologias, a Internet, a qual faz parte do quotidiano destes alunos e, por conseguinte, já têm algum conhecimento sobre a mesma. Na minha opinião, este é um recurso que deve ser utilizado para proporcionar aos alunos, momentos de aprendizagem diversos e, se possível organizar a turma em grupos de maneira a pesquisarem sobre temas (sob a vigilância da professora) e, serem eles a passar essa aprendizagem aos restantes, depois de a professora confirmar que está tudo

correto.

Assim, o Estudo do Meio, para além de tema central da aprendizagem, através do conteúdo relativo aos símbolos nacionais, foi também o grande estimulador de outras descobertas, a nível do Português, da Matemática, da Expressão Plástica e da Expressão Musical.

A nível do Português, esteve presente na pesquisa que foi elaborada sobre a simbologia dos elementos/cores que constituem as bandeiras/brasões e qual a origem do Hino Nacional, proporcionando um alargamento e apropriação de novos vocábulos e durante o exercício de grupo, em que tiveram de fazer um acróstico, recorrendo assim à imaginação/criatividade de cada elemento. Nas fotografias 5 e 6 mostra-se dois exemplares de acrósticos feitos pelos grupos.

A nível da Matemática, esteve presente na medida em que após se verificar e confirmar a divisão da bandeira e a parte que cada cor ocupava, recordou-se os conhecimentos fracionários utilizando o quadro e um chocolate fracionário existente na sala de aula, como se pode verificar nas fotografias 7 e 8.

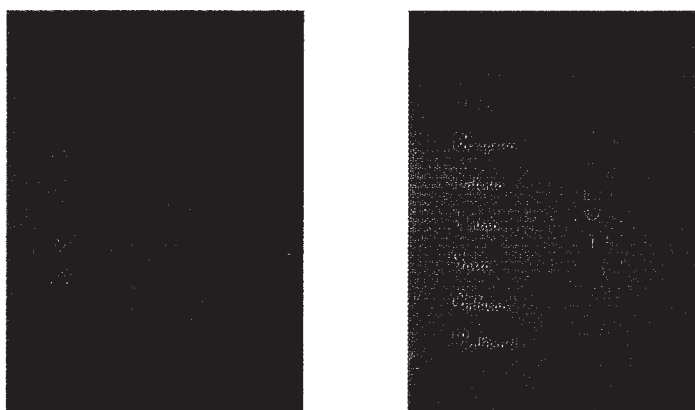
A nível da Expressão Plástica, esteve presente no recorte e pintura da bandeira como as fotografias 9 e 10 demonstram, tendo em conta, as indicações previamente estudadas e analisadas.

A nível da Expressão Musical, esteve presente na colocação da voz, no momento em que o grupo cantou, acompanhado da melodia do Hino Nacional, “A Portuguesa”, com o rigor que naturalmente se associa a uma demonstração de respeito pela Pátria.

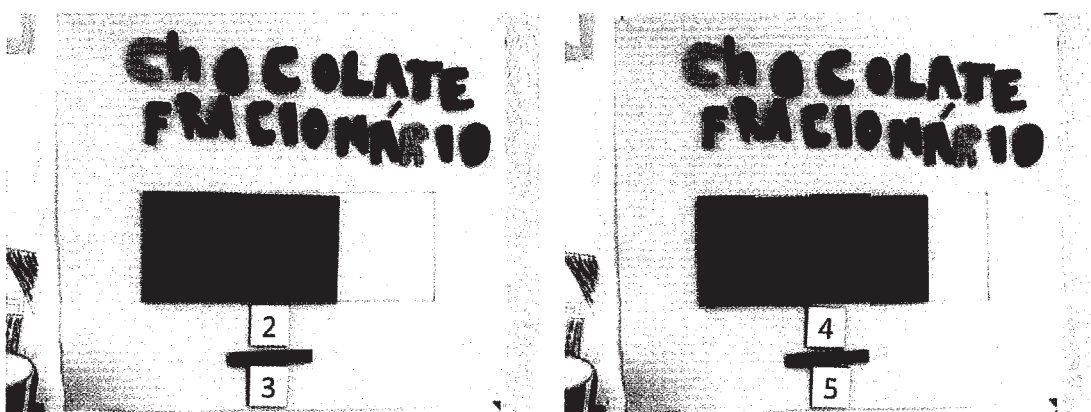
Quanto às aprendizagens das crianças, estas corresponderam às expectativas, descobrindo como já foi referida a intencionalidade das minhas ações/tarefas. Os fatores facilitadores desta aprendizagem são o facto de a turma ser interessada, comunicativa e participativa, sendo que, algo que ainda têm de melhorar é a espera pela sua vez de falar.

Por todas as razões acima referidas, apraz-me referir que se reuniram todos os fatores necessários para atingir a interdisciplinaridade a partir de um conteúdo de Estudo do Meio, através da consistente aglutinação de conteúdos das várias áreas, tendo os alunos aprendido de uma forma global, com especial ênfase nas seguintes metas curriculares: i) no Estudo do Meio, a reconhecer

elementos de identidade cultural, diferenciadores e comuns a identidades de outros povos; ii) no Português, a apropriar-se de novos vocábulos e na escrita lúdica de um acróstico; iii) na Matemática, a utilizar corretamente os termos “numerador” e “denominador” e os próprios números fracionários, assim como a designar grandezas formadas por um certo número de partes equivalentes a uma que resulte da divisão equitativa de um todo; iv) na Expressão Plástica, ao aplicar técnicas de desenho e pintura em obras artísticas, por observação e sua recriação; v) na Expressão Musical, ao cantar em grupo, com intencionalidade expressiva, canções de diferentes formas, géneros e estilos musicais e ainda ao reconhecer e valorizar a música como construção social, como património e como um fator de identidade social e cultural.



Fotografias 5 e 6 – Exemplos de acrósticos elaborados pelos grupos, posteriormente transcritos em word e impressos.



Fotografias 7 e 8 – Conhecimentos fracionários aplicados num “Chocolate Fracionário” na sala de aula.



Fotografias 9 e 10 – Momento em que os alunos estão a pintar a bandeira, tendo em consideração as indicações anteriormente estudadas e analisadas.

1.3. Atividade “As Plantas – Germinação por Semente”

Para iniciar a exploração desta temática sobre os seres vivos, nomeadamente as plantas, recorri estrategicamente à narrativa infantil, contradizendo a ideia de que uma obra de literatura (juvenil ou não) serve exclusivamente a área linguística.

Assim, o Estudo do Meio, para além de tema central da aprendizagem, através do conteúdo relativo aos seres vivos – as plantas – que são e o papel fundamental que têm na Terra, foi também o grande impulsionador de outras descobertas, a nível do Português e das Expressões, nomeadamente a Expressão Plástica.

Ainda relativamente ao Estudo do Meio, falámos das plantas como seres vivos que são; do quão importante são na Terra; de existirem plantas comestíveis e não comestíveis; plantas terrestres, aquáticas e aéreas; as partes constituintes da mesma; as características que as distinguem umas das outras (tamanho, raiz, caule, folhagem, flor e fruto), a sua utilidade e tipos de reprodução. Através da germinação por semente e do processo subjacente (crescimento e desenvolvimento das sementes), as crianças vão aperceber-se de que as plantas são seres vivos, pois elas nascem, crescem, respiram, alimentam-se, reproduzem-se e morrem, como nós e os animais. São também muito importantes na Terra, porque libertam o oxigénio que respiramos, servem-nos de alimento e são o abrigo de outros seres vivos.

A nível do Português, esteve presente na realização do reconto da história, como também no diálogo existente entre alunos e professora no desenrolar

deste exercício e da atividade, em que os alunos expuseram as suas ideias, opiniões e vivências.

Praticar e desenvolver a escrita é uma atividade muito importante no 1.º Ciclo, pois é a partir dela que, as crianças expõem as suas ideias, opiniões, vivências ou até mesmo sentimentos.

A nível da Expressão Plástica, esteve presente na elaboração da ilustração da história retratada de uma forma livre e durante a experiência de germinação das sementes como se pode observar nas fotografias 11 e 12 e, posteriormente, a culturação no pátio do colégio, tal como se pode visualizar nas fotografias 13 e 14.

Quanto às aprendizagens das crianças, estas corresponderam às expectativas, descobrindo como já foi referida a intencionalidade das minhas ações/tarefas. Os fatores facilitadores desta aprendizagem são o facto de os alunos estarem mais envolvidos e, por fazerem a experiência da germinação, visto ser uma turma muito curiosa.

Comprova-se assim a interdisciplinaridade a partir deste conteúdo de Estudo do Meio, atividade na qual as crianças aprenderam e/ou relembrouam tópicos das diversas áreas, nomeadamente atingindo as metas curriculares: i) no Estudo do Meio, a caracterizar modificações que ocorrem nos seres vivos, relacionando-as com manifestações de vida; ii) no Português, a planificar, a exercitar e a rever a escrita de textos; iii) na Expressão Plástica, na sensibilização para o sentido estético a partir de objetos do património natural e a sua transposição para o meio artístico.



Fotografias 11 e 12 – Alunos na sala de aula agrupados a pares e a fazer a germinação por semente.



Fotografias 13 e 14 – Dois alunos a preparar o terreno de cultivo e o resultado do cultivo no mês de julho.

1.4. Atividade “Maqueta sobre relevo e meios aquáticos”

Relevo são as formas que a superfície terrestre assume, com maior ou menor profundidade. De acordo com as suas características, as suas designações variam entre montanhas, vales, planaltos, planícies... Enquanto os meios aquáticos encontram-se nos locais preenchidos por água, que consoante as suas dimensões e características, podem variar entre oceanos, mares, lagos/lagoas, rios, ribeiros, afluentes...

Este é um tema que permite realizar situações lúdicas, com o intuito de um melhor entendimento e aquisição de saberes por parte das crianças.

Das hipóteses existentes, realço a construção de uma maqueta dos vários tipos de relevo e meios aquáticos que constituem o nosso território. Esta maqueta foi construída tridimensionalmente aplicando diferentes técnicas, fazendo uma montagem com estas formas de modo a representar as diferentes formas de elevação.

Tratando-se assim de um trabalho de grupo onde cada elemento ficou responsável por uma tarefa distinta, dando origem ao grande produto final que se verificou.

Esta atividade teve como ponto de partida as Ciências da Natureza, área temática de Estudo do Meio, mais concretamente pelo conhecimento dos vários tipos de relevo e meios aquáticos. Na impossibilidade de as crianças saírem diretamente à descoberta da realidade que as envolve, estas chegaram até elas através da exploração de imagens reais em sala de aula, tendo como meio, as novas tecnologias, a Internet.

Depois de se consciencializarem das diversas características que constituem os diferentes aspetos físicos do meio envolvente, a maquete aparece como um compêndio dos conteúdos estudados, relativos ao Estudo do Meio mas, também, com dependências paralelas a outras áreas curriculares.

A nível do Português, esteve presente fundamentalmente na aquisição e aumento do vocabulário e a correspondência termo a termo. Isto é, a perceção da realidade subentendida no Estudo do Meio leva à assimilação de alguns conceitos, enquanto estruturas mentais que são estruturadas tendo por base os aspetos que foram observados e as conformidades/desigualdades existentes entre eles, sendo através destas representações que aliamos as imagens aos seus termos, ou seja, às palavras. Como foram introduzidas várias palavras novas e, pelo facto, de alguns destes termos não serem utilizados no dia-a-dia destes alunos, optei pela estratégia de se colocar legenda dos vários tipos de relevo e meios aquáticos, que permitiu uma associação exata entre a palavra e o objeto, factos estes que podem ser observados nas fotografias 15 e 16.

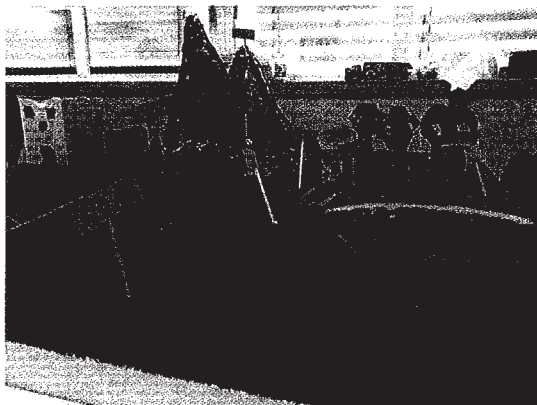
A nível da Matemática, esteve presente na combinação de diversos sólidos geométricos às diferentes formas de relevo que o planeta possui, pelas conformidades existentes nas suas formas e dimensões. Durante esta tarefa, recapitulou-se conteúdos desta área curricular (nomes dos sólidos, número de arestas e vértices), à medida que iam construindo-os com materiais reciclados como, por exemplo, as caixas de cereais, as caixas de ovos, as rolhas de cortiça, entre outros.

A nível da Expressão Plástica, esteve presente na liberdade que lhes foi concedida ao longo deste processo de exploração e experimentação, que apelava à imaginação e criatividade das crianças para associar simbolicamente o objeto à forma de relevo pretendida. Este processo possibilitou aos alunos utilizarem diferentes técnicas como, a colagem, a pintura, o recorte, a montagem e a manipulação de objetos moldáveis como as caixas de cartão utilizadas na planificação dos sólidos geométricos, podendo estas técnicas serem observadas nas fotografias 17, 18 e 19.

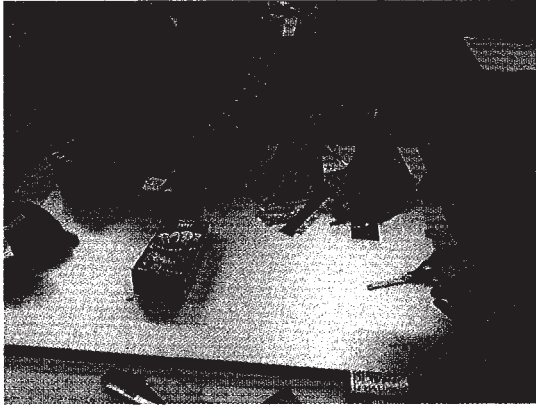
A Formação Cívica como se pode constatar na fotografia 20, também esteve presente e de uma forma muito implícita, principalmente por promover a cooperação em sala de aula. O trabalho de grupo ajuda os alunos a ouvirem e

respeitarem-se uns aos outros, bem como a distribuir tarefas e atribuir responsabilidades.

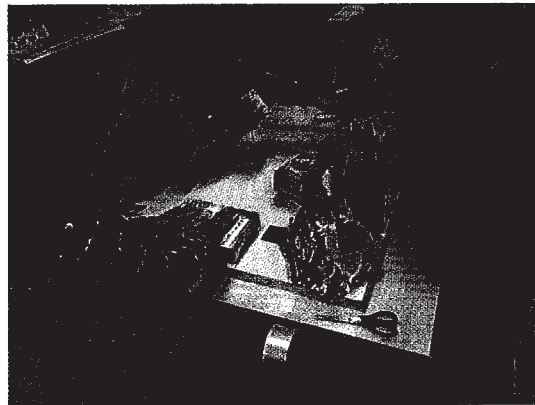
Verifica-se assim o caráter interdisciplinar desta atividade, uma vez que foi ao encontro das várias áreas, tendo os alunos aprendido de uma forma contextualizada e global, dando resposta às metas curriculares: i) no Estudo do Meio, ao descrever e comparar elementos físicos (formas de relevo e meios aquáticos) utilizando o vocabulário adequado; ii) no Português, a apropriar-se de novos vocabulários; iii) na Matemática, a identificar pirâmides e cones, utilizar corretamente os termos "vértice", "aresta" e "face" e reconhecer propriedades geométricas; iv) na Expressão Plástica, ao criar composições plásticas visuais, bi e tridimensionais, através de modalidades expressivas diversas e ainda ao relacionar os objetos com as formas que eles representam na observação de imagens.



Fotografias 15 e 16 – Legenda que identifica os diferentes tipos de relevo e meios aquáticos presentes nesta maqueta.



Fotografias 17, 18 e 19 – Algumas das técnicas utilizadas para realizar esta atividade.



Fotografia 20 – Momento de troca de opiniões/sugestões em grupo para se tomar decisões e se proceder à elaboração da maquete.

2. Análise dos Inquéritos

De seguida, apresento os resultados obtidos através da análise dos inquéritos por questionário, realizados a dezasseis professores do 1.º Ciclo do Ensino Básico do Colégio do Vale e Escola Básica de Marco Cabaço, ambas as instituições na freguesia da Charneca de Caparica. Este inquérito tinha como objetivo perceber qual a viabilidade de se atingir a interdisciplinaridade a partir do Estudo do Meio no 1.º CEB.

No que se refere à 1.ª questão, **Como define a interdisciplinaridade**, as respostas dos professores são muito idênticas, mas quero salientar algumas delas: “A interdisciplinaridade consiste no desenvolvimento de um determinado conteúdo nas diversas áreas, relacionando-as”; “A interdisciplinaridade é a capacidade de desenvolver o mesmo tema abrangendo as várias áreas curriculares”; “A interdisciplinaridade é o desenvolvimento de um trabalho numa área, integrando conteúdos de outra área, que estejam interligados”; “É uma estratégia de trabalho que permite articular e relacionar diferentes áreas de conhecimento”. Ao analisar-se a 1.ª questão alínea 1, **Considera a interdisciplinaridade um bom método de ensino**, todos os professores responderam de forma afirmativa, tendo atingido assim os 100%, como se pode verificar no gráfico 1.

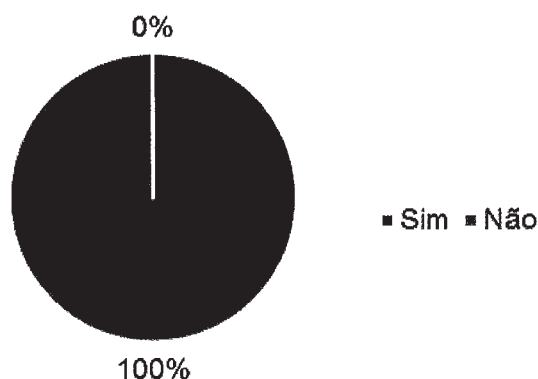


Gráfico 1 – Resultados à questão n.º 1.1 do inquérito. Opinião dos professores sobre a interdisciplinaridade ser um bom método de ensino.

Em relação à 2.ª questão, **No seu parecer, quais as vantagens e desvantagens da interdisciplinaridade** e para se tornar mais compreensível,

irei enumerar as vantagens e desvantagens mencionadas pelos professores.

Vantagens: i) Permite a ligação/relação dos saberes entre várias áreas, promovendo o interesse e motivação dos alunos; ii) Aprendizagens de forma mais didática e desenvolvidas de uma forma mais significativa e com entusiasmo; iii) Poder aprofundar mais os conhecimentos usando as várias vertentes dos temas pelas diferentes formas de os explorar; iv) Os alunos adquirem os conhecimentos de uma forma mais real e contextualizada; v) Aulas mais estimulantes, indo ao encontro das diferentes vivências dos alunos, abrangendo várias áreas o que permite o aumento da visão e do nível cultural; vi) Tem um tema comum a todas as áreas que se desenvolve, fazendo com que as aprendizagens façam parte de um TODO. **Desvantagens:** i) O trabalho inerente à atividade pedagógica torna-se mais complexo, exigindo uma maior organização e metodologias definidas por parte do professor; ii) Os alunos podem ficar mais confusos caso as atividades não sejam bem conduzidas; iii) Quando, eventualmente, se perder o objetivo a alcançar.

Para a 3.^a questão, **De acordo com a sua experiência profissional qual será(ão) o(s) ano(s) mais adequado(s) à sua aplicação**, e visualizando o gráfico 2, 75% respondeu “Todos os anos”, 19% respondeu “1.^o e 2.^o ano” e 6% respondeu “2.^o ano”.

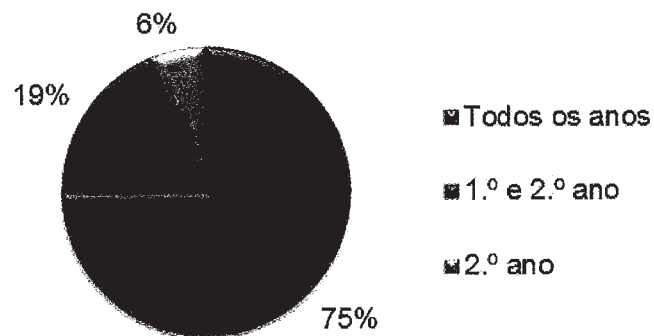


Gráfico 2 – Resultados à questão n.º 3 do inquérito. Opinião dos professores sobre qual o(s) ano(s) mais adequado(s) para se aplicar a interdisciplinaridade.

Ao analisar-se a 3.^a questão alínea 1, **Porquê**, pode constatar que 2 professores não responderam e os restantes referiram a importância de se transmitir conhecimentos às crianças logo desde cedo e fazê-lo de uma forma

lúdica/estimulante/diversificada, aplicando a interdisciplinaridade entre as diferentes áreas de conteúdo. Para se entender melhor o que referi anteriormente, vou demonstrar algumas das respostas: “Porque permite que as crianças percebam que a aprendizagem acontece como um todo, sem fragmentar conhecimentos, logo deverá começar o mais cedo possível”; “A interdisciplinaridade torna as aulas mais interessantes e fomenta o aprofundamento dos temas em várias vertentes/áreas”; “A interdisciplinaridade favorece o desenvolvimento e consolidação dos conteúdos abordados e deve ser aplicada em todos os anos por promover a aprendizagem no seu conjunto”; “Independentemente do ano em questão, eu penso que é importante haver interdisciplinaridade em todos os anos de forma a haver desde o início do 1.º Ciclo, a possibilidade de relacionar saberes entre áreas distintas, levando a uma maior motivação por parte dos alunos, pois as aprendizagens também são efetuadas de uma forma mais lúdica”.

No que se refere à 4.ª questão, ***O Estudo do Meio será uma boa área de conteúdo para atingir a interdisciplinaridade***, 94% respondeu de forma positiva e os restantes 6% não responderam, como se pode comprovar no gráfico 3.

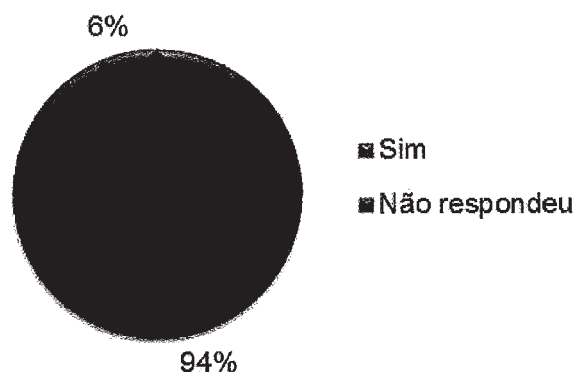


Gráfico 3 – Resultados à questão n.º 4 do inquérito. Opinião dos professores sobre o Estudo do Meio ser uma boa área para se atingir a interdisciplinaridade.

Ao analisar-se a 4.ª questão alínea 1, ***Porquê***, verifica-se a versatilidade que os temas que o Estudo do Meio possui para se atingir a interdisciplinaridade, tornando as aprendizagens mais significativas e globalizantes, envolvendo outras áreas de conteúdo. De seguida vou expor algumas das respostas que

me conduziram a esta interpretação: “Os conteúdos integrados nesta área nos diferentes anos de escolaridade, na sua maioria requerem a realidade do espaço envolvente, logo, todo o desenvolvimento e exploração dos saberes das áreas envolvidas, assim como a sua própria pesquisa, conduzirão a um maior entendimento por parte dos alunos”; “Porque aborda temas mais práticos, de compreensão visual, que permite aos alunos desenvolver um pensamento concreto que poderá depois ser aproveitado para conteúdos mais abstratos, por exemplo na matemática (gráficos, tabelas, ...)”; “Penso que seja a melhor área de conteúdo para atingir a interdisciplinaridade, pois através dos vários temas de Estudo do Meio podemos abordá-los quer no Português, quer na Matemática, quer nas Expressões”.

Em relação à 5.^a questão, **Que tipo(s) de atividades/projetos desenvolveria/desenvolve**, e como está comprovado no gráfico 4, três professores não responderam e os restantes enumeraram algumas atividades que desenvolvem ou poderão vir a desenvolver durante o seu percurso profissional. Alguns dos professores mencionaram que a informática está também implícita em muitas situações no desenvolvimento das atividades propostas.

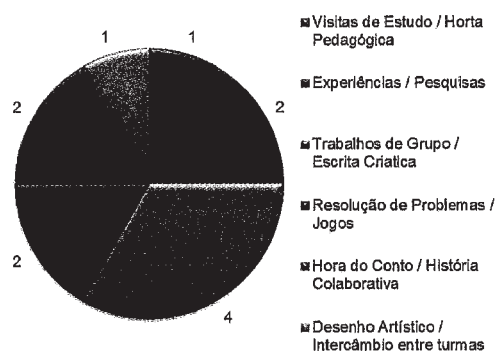


Gráfico 4 – Resultados à questão n.º 5 do inquérito. Resposta dos professores sobre atividades e projetos a desenvolver.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclusões Finais

Após ter realizado este processo, irei falar sobre o mesmo, sintetizando de forma clara e breve a origem deste trabalho, identificando constrangimentos que foram surgindo.

Redigir esta conclusão não foi um procedimento simples: em primeiro lugar, porque me fez recordar momentos que vivi no local de estágio, o que me deixa com muitas saudades das relações que criei e fortaleci com professores e alunos, das aprendizagens que construímos... foi, sem dúvida, um privilégio ter feito parte desta grande equipa que trabalha em conjunto para o bem-estar e desenvolvimento destes alunos que serão o nosso futuro; em segundo lugar, porque coincide, metaforicamente, com o concluir dos estudos que me habilitam como Mestre em Educação Pré-Escolar e 1.º Ciclo do Ensino Básico, profissional que, na verdade, nunca irei deixar de estudar, pois devemos questionar diariamente a nossa ação pedagógica, de forma, a encontrar as melhores e mais adequadas metodologias ao grupo que nos foi adjudicado.

Este Relatório Final resultou da Prática de Ensino Supervisionada e da Unidade Curricular de Investigação em Educação que, esclareceu e despertou em mim o papel de investigadora na minha ação educativa e na vida pessoal. O presente Relatório tem como tema “*A Interdisciplinaridade a partir do Estudo do Meio numa sala de 1.º Ciclo do Ensino Básico*”, implementado numa turma de 3.º ano. Assim, a partir da introspeção pessoal, sustentada pelos referenciais teóricos e da interpretação dos dados recolhidos, vou responder a cada uma das questões que emergiram na fase inicial desta investigação.

1. *De que forma se poderá atingir a interdisciplinaridade em 1.º Ciclo a partir do Estudo do Meio?*

Com o decorrer deste estudo, ficou demonstrado que é viável atingir a interdisciplinaridade numa sala de aula de 1.º Ciclo. Este estudo foi implementado numa Instituição que acredita e defende um ensino estruturado e globalizante, numa turma de 3.º ano constituída inicialmente por dezasseis alunos passando a quinze após a ausência da aluna de nacionalidade russa, alunos estes que já trazem consigo uma “bagagem” considerável de

aprendizagens e conhecimentos que foram adquirindo ao longo dos anos antecedentes.

Sendo a interdisciplinaridade em 1.º Ciclo uma possibilidade e tendo em consideração as respostas facultadas pelos professores nos inquéritos, verifico que ainda não se trata de uma realidade assumida em muitos contextos escolares portugueses, sendo que, na maioria das escolas se aplica um ensino tripartido, com meras sobreposições de saberes. No meu ponto de vista, esta situação verifica-se em parte, por duas razões. Em primeiro lugar, pelo facto de os professores terem um programa e metas a cumprir e, por vezes, cederem à pressão de trabalhar todos os conteúdos a tempo e horas. Em segundo lugar, porque esta metodologia de ensino requer por parte dos professores, um trabalho mais redobrado, em termos de organização e planificação de atividades que visem facilitar e promover o desenvolvimento de conhecimentos interligados.

Ao implementar este método de ensino durante a minha Prática de Ensino Supervisionada, pude constatar que planear atividades interdisciplinares remete para um maior trabalho por parte do docente, mas que é extremamente compensador. Este processo de ensino-aprendizagem tem inúmeras vantagens e vai ao encontro das necessidades e capacidades das crianças.

Com o propósito de atingir a interdisciplinaridade e demonstrar as potencialidades que esta área de conteúdo contempla, a escolha recaiu sobre o Estudo do Meio.

Ao analisar manuais de Estudo do Meio, verifica-se que o programa está organizado em temas muito generalistas, simplificando a conotação com outras matérias diferenciadas. Para além disto, os blocos temáticos têm a designação “À Descoberta de...”, que segundo a opinião de Roldão (1995), coincide com o objetivo explícito no programa, de

(...) Incentivar no aluno atitudes de pesquisa, competências de observação, de busca e de seleção de informação, de construção do próprio conhecimento, ou seja, a prática de uma aprendizagem ativa, em que o sujeito é agente e construtor dos seus próprios processos de aquisição de saberes e organizador do domínio progressivo das suas competências (p. 37).

A partir da exploração do Mundo, as crianças descobrem, experimentam e passam a conhecer tudo o que as rodeia, interligando não só aos conteúdos programáticos de Estudo do Meio mas, também, com todos os outros que estão relacionados com o quotidiano e as vivências intra ou interpessoais, proporcionando aprendizagens significativas. Assim, se denota como o Estudo do Meio detém versatilidade, podendo ser o ponto de partida para a exploração de outras áreas de conteúdo como, o Português, a Matemática e as Expressões Artísticas.

Tendo em consideração as numerosas potencialidades que a área de Estudo do Meio detém, é com tristeza que se verifica, na maioria das salas de aula, esta área está a passar para segundo plano no 1.º Ciclo, dando um maior ênfase ao Português e à Matemática. Sendo que, no meu entender, esta situação ocorre devido às inúmeras alterações que os programas destas últimas sustentam, num ensino cada vez mais exigente (com muitos objetivos a atingir e com tempo delimitado) que se adapta à sociedade atual e, também, por existir por parte do Ministério da Educação a ideia de que apenas os conteúdos de Português e de Matemática é que são indispensáveis, colocando as restantes áreas como sendo complementares. Assim, o Estudo do Meio e as Expressões Artísticas passam automaticamente para segundo plano, num processo educativo onde devia prevalecer uma aprendizagem motivadora e diversificada, onde se fizesse a interligação de conhecimentos das diferentes áreas curriculares, tendo todas elas, um papel ativo e dinamizador na construção e desenvolvimento de conhecimento das crianças.

Como futura profissional da educação, acredito numa escola que tenha como objetivo para além da construção e aquisição de saberes, a formação da personalidade individual de cada um (estimulando os valores já incutidos por parte das Famílias), preparando-os para o Mundo atual e competitivo. Para que seja alcançado, este trabalho terá de ser realizado por vários intervenientes, os alunos, a Escola e as Famílias.

Fortalecendo o que já foi mencionado, a área de Estudo do Meio exhibe potencialidades determinantes para se atingir a interdisciplinaridade, pois é uma disciplina possuidora de uma "forte vertente formativa, não apenas do ponto de vista da aquisição de conhecimentos mas também do desenvolvimento de capacidades (...) e as mais diversas aptidões,

habilidades e competências” (Carvalho e Freitas, 2010, p. 31).

Citando Roldão (1995):

(...) o Estudo do Meio oferece uma variedade de conteúdos objetivos, suscetíveis de se organizarem em temas aglutinadores de outras áreas programáticas. Os programas de Língua Portuguesa e de Matemática contemplam predominantemente aprendizagens funcionais que podem exercitar-se com conteúdos temáticos diversos. Também as áreas das Expressões se revestem de bastante flexibilidade, ajustando-se às aprendizagens pretendidas e os saberes-fazer ao estudo integrado de uma variedade de temas ou situações. Podem, assim os temas estudados em Estudo do Meio constituir-se em áreas integradoras, possibilitando a articulação de aprendizagens de todas as outras áreas (p. 41).

2. *Que tipo de atividades podem ajudar a promover a interdisciplinaridade em sala de aula?*

No decorrer deste estudo, foram implementadas diferentes atividades com o intuito de demonstrar a viabilidade de se partir do Estudo do Meio para atingir a interdisciplinaridade numa sala de aula e em todas elas apliquei o que os autores de referência (Carvalho e Freitas, 2010; Roldão, 1995) denominam por *estratégias*.

As estratégias que utilizei foram:

a) A utilização didática da narrativa – aplicada nas atividades 1 e 3

Carvalho e Freitas (2010) consideram que as narrativas são oportunidades perfeitas de pesquisar conteúdos de Geografia e História, dando equitativamente destaque ao crescimento das atitudes e valores que o conto pode desencadear na criança, podendo-se trabalhar conteúdos linguísticos, de forma mais ou menos explícita, consoante os objetivos da proposta.

b) A ligação afetiva aos conteúdos – aplicada nas atividades 1 e 3

Carvalho e Freitas (2010) ressaltam o quanto é importante cada criança pesquisar sobre si mesma e sobre a história da sua família, porque deixa de pensar só em si mesma e parte à descoberta da sua origem e do seu passado.

c) A sensibilização para a expressão criativa e para a comunicação – aplicada nas atividades 1, 2 e 4

Carvalho e Freitas (2010) esclarecem o professor quanto à importância da existência de espaço razoável que possibilite uma verdadeira exploração dos conhecimentos das crianças. As crianças quando vão para a escola não são “tábuas rasas”, pois já levam consigo uma bagagem de crenças e conhecimentos prévios que os professores devem ter em consideração para desencadear nelas o interesse por novas aprendizagens. Tornando-se essencial que as crianças possam ser livres da sua própria expressão, no extenso sentido da palavra, sendo ela escrita, motora, musical, oral, plástica..., possibilitando assim que a criança possa expor as suas opiniões e emoções sobre a sua realidade, num ambiente promovido pela experimentação, criação expressiva e diálogo.

d) A resolução de problemas matemáticos – aplicada nas atividades 2, 3 e 4

Roldão (1995) afirma, que o Estudo do Meio apresenta “matéria abundante de problematização, quer no que se refere (...) à observação da realidade natural, quer no que se refere aos temas de natureza social” (p. 61):

Problematizar a realidade (...) contribui para o desenvolvimento de atitudes intelectuais de questionamento e comprovação que são essenciais à formação do indivíduo. Saber organizar o processo para a resolução de problemas, implica, por sua vez, a aquisição e exercício de competências de análise, de caracterização, de formulação de hipóteses, de verificação experimental e de síntese, que constituem instrumentos de aprendizagem transferíveis para qualquer situação em qualquer contexto (ibidem).

O professor deve promover na sua sala de aula um ensino ativo, que estimule os alunos a pensar e refletir, partindo de questões verdadeiras, na necessidade de resolver incertezas desencadeadas a partir da realidade.

No decorrer da sua prática pedagógica, o professor pode integrar as variadas estratégias existentes e, de encontro aos objetivos a atingir, todas as áreas do saber podem ser interligadas com conteúdos singulares de cada uma delas, competindo ao professor “estabelecer a necessária articulação integradora que proporcione uma percepção global e não atomística dos fenómenos a estudar” (Roldão, 1995, p. 36).

Durante o período de estudo procurei planear sempre atividades onde se

evidenciasse a interdisciplinaridade completa e transversal ao longo de todas as áreas de conteúdo, mas verifiquei que nem sempre é fácil, porque nem sempre se consegue encontrar temas que torne possível a interligação de conteúdos.

3. *Quais as vantagens e desvantagens de se partir do Estudo do Meio para que a interdisciplinaridade seja atingida?*

Como todos os métodos de ensino, a interdisciplinaridade não é exceção e dispõe de vantagens e desvantagens, como ficou bem visível nas respostas concedidas pelos professores nos inquéritos. Irei, de seguida, enumerar cada uma delas e, posteriormente, irei fazer um breve apontamento sobre as mesmas.

As *vantagens* são: i) Permite a ligação/relação dos saberes entre várias áreas, promovendo o interesse e motivação dos alunos; ii) Aprendizagens de forma mais didática e desenvolvidas de uma forma mais significativa e com entusiasmo; iii) Poder aprofundar mais os conhecimentos usando as várias vertentes dos temas pelas diferentes formas de os explorar; iv) Os alunos adquirem os conhecimentos de uma forma mais real e contextualizada; v) Aulas mais estimulantes, indo ao encontro das diferentes vivências dos alunos, abrangendo várias áreas o que permite o aumento da visão e do nível cultural; vi) Tem um tema comum a todas as áreas que se desenvolve, fazendo com que as aprendizagens façam parte de um TODO. As *desvantagens* são: i) O trabalho inerente à atividade pedagógica torna-se mais complexo, exigindo uma maior organização e metodologias definidas por parte do professor; ii) Os alunos podem ficar mais confusos caso as atividades não sejam bem conduzidas; iii) Quando, eventualmente, se perder o objetivo a alcançar.

Assim, fica demonstrado que existem mais vantagens do que desvantagens ao implementar-se interdisciplinaridade em sala de aula.

O facto de se partir do Estudo do Meio para se atingir a interdisciplinaridade nem sempre é opção, porque os professores dão maior

ênfase ao Português e à Matemática, devido ao facto de estas áreas apresentarem programas mais extensos, com temas mais específicos, exigindo que o professor disponibilize um maior número de horas letivas para as mesmas, situação que também pude constatar no local onde realizei o meu estudo. Mesmo assim, continuo a acreditar que os professores deviam mostrar que não é necessário colocar áreas de conteúdo de parte, assumindo um método de ensino onde prevaleça a interligação de saberes entre todas, mesmo que exija por parte dos mesmos uma maior planificação, pois o que deve ser importante é tornar o processo de ensino-aprendizagem motivador, dinamizador e diversificado, motivando os alunos a quererem saber sempre mais, participando de forma ativa no processo de construção e desenvolvimento dos seus conhecimentos.

Após ter respondido às questões que deram origem a esta investigação, posso concluir que no meu futuro profissional devo considerar a interdisciplinaridade em sala de aula uma possibilidade, tornando o processo de ensino-aprendizagem transversal e globalizador.

A interdisciplinaridade só acontece através da existência e da comunicação entre as várias áreas de conteúdo, aprofundando conhecimentos científicos específicos, motivados pela natureza e curiosidade humanas, no desejo de querer saber mais sobre o Mundo.

No decorrer deste estudo e, mais especificamente, em conversas que tive com professores que responderam aos inquéritos, foi notória a vontade e a necessidade de diversificar o método de ensino. Alguns deles, já implementam no seu dia-a-dia a interligação de conhecimentos entre as diferentes áreas de conteúdo, embora as exigências curriculares e o receio em não cumprir o programa dentro dos parâmetros continuam a predominar e “deitar por terra” esta mudança no ensino. Para tal, os próprios professores têm que mudar a sua atitude, querendo marcar a diferença e fazendo acontecer.

Atualmente, a educação é regida por uma reforma que tende a dar mais importância à quantidade em vez da qualidade do ensino existindo, a meu ver, a necessidade de implementar uma nova reforma educativa. Esta nova reforma deve dar liberdade suficiente aos professores para escolherem a maneira mais favorável de fazerem a exploração e a interligação de saberes, adaptando ao

seu grupo de alunos e fazendo com que eles participem de forma ativa no desenvolvimento da sua aprendizagem. Ao aplicar-se este método de ensino, os alunos têm uma maior percepção de que tudo o que se encontra à sua volta está interligado.

Tenho a esperança que este estudo seja um incentivo para possíveis leitores e/ou professores refletirem sobre o que desejam para a educação, se uma educação em que o que interessa são os resultados finais ou uma educação em que dão relevância aos processos.

Eu já fui criança e o que mais me motivava nas aulas eram os desafios, era poder descobrir e pesquisar sobre coisas novas, poder aprender de uma forma lúdica, em que todos participamos.

Quero poder marcar a diferença, aplicando na minha vida profissional um método que demonstre aos alunos que tudo o que nos rodeia ser um TODO, em que eles questionem e desafiem o mundo de forma construtiva e que queiram aprender mais todos os dias.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Obras consultadas

- Afonso, N. (2005). *Investigação Naturalista em Educação: Guia prático e crítico*. Porto: Asa Editores.
- Aires, L. (2011). *Paradigma qualitativo e práticas de investigação educacional*. Porto: Universidade Aberta.
- Bogdan, R. & Biklen, S. (1994). *Investigação qualitativa em educação: Uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto: Porto Editora.
- Carvalho, A. R. F. B. (2006). *Transversalidade, Compreensão na leitura e Gestão Flexível do Currículo. Dissertação de Mestrado de Ciclo de Estudos em Gestão Curricular*. Departamento de Ciências da Educação – Universidade de Aveiro, Aveiro.
- Carvalho, G. & Freitas, M. (2010). *Metodologia do Estudo do Meio*. Porto: Porto Editora.
- Creswell, J. W. (2007). *Projeto de Pesquisa: Métodos qualitativo, quantitativo e misto*. (2ª edição). Porto Alegre: Artmed.
- Detry, B. & Simas, F. (2001). *Educação, Cognição e Desenvolvimento*. Lisboa: Horizontes Pedagógicos.
- Esteves, M. L. (2008). *Visão Panorâmica da Investigação-Ação*. Porto: Porto Editora.
- Gray, David E. (2012). *Pesquisa no mundo real*. (2ª edição). Porto Alegre: Penso.
- Hilburn, J. & Wall, S. (2011). *Concept-Based Interdisciplinary Teaching: Science and Social Studies Teacher Collaboration for the 21st Century*. *North Carolina Middle School Association Journal*, vol. 6, nº 1. North Carolina Middle School, pp. 1-10.
- Lopes, J. & Silva, H. (2010). *O Professor Faz a Diferença. Na aprendizagem dos alunos. Na realização escolar dos alunos. No sucesso dos alunos*. Lisboa: LIDEL
- Lopes, Maria Luísa S. (2006). *O Diretor de Turma e a Articulação Curricular. Dissertação para obtenção do grau de Mestre em Gestão Curricular*. Aveiro: Universidade de Aveiro.
- Ministério da Educação (2001). *Currículo Nacional do Ensino Básico – Competências Essenciais*. Lisboa: Ministério da Educação.

- Ministério da Educação (2004). *Organização Curricular e Programas (4.ª edição)*. Lisboa: Ministério da Educação.
- Monteiro, M. & Ferreira, P. (2007). *Ser Humano – Psicologia B*. Porto: Porto Editora.
- Nissani, M. (1997). *Ten Cheers for Interdisciplinarity: the case for interdisciplinar knowledge and research*. *The Social Science Journal*, vol. 34, nº 2. Wayne State University, pp. 201-216.
- Pelizzari, A., Kriegl, M., Baron, M., Finck, N. & Dorocinsky, N. (2002). *Teoria da aprendizagem significativa segundo Ausubel*. Curitiba.
- Pombo, O., Levy, T. & Guimarães, H. (1993). *A Interdisciplinaridade: Reflexão e Experiência*. Lisboa: Texto Editora.
- Quivy, R. & Campenhoudt, L. (2008). *Manual de investigação em Ciências Sociais*. Lisboa: Gradiva.
- Roldão, M. C. (1995). *O Estudo do Meio no 1º Ciclo – Fundamentos e estratégias*. Lisboa: Texto Editora.
- Serrano, G. P. (2004). Metodologias de investigação em animação sociocultural. In Trilla, J. (coord.), *Animação sociocultural – Teorias, programas e âmbitos*, pp. 101-122. Lisboa: Instituto Piaget.
- Stake, R. E. (2011). *Pesquisa qualitativa: estudando como as coisas funcionam*. Porto Alegre: Penso.
- Valadares, J. & Moreira, M. (2009). *A Teoria da Aprendizagem Significativa*. Lisboa: Almedina.
- Walsh, D., Tobin, J. & Graue, M. (2010). A voz interpretativa da investigação qualitativa em educação de infância. In Spodek, B. (ed.) *Manual de Investigação em Educação de Infância (2ª Edição)*, pp. 1037-1066. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Websites consultados

- Freire, L. (2009). Auto-regulação da aprendizagem. *Ciências & Cognição*, 2, 276-286. Acedido a 26 de fevereiro, 2015, em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/cc/v14n2/v14n2a19.pdf>
- Mathias, A. C. (2011). *Currículo Oculto x Currículo Formal: praxis pedagógica e a formação do educador*. Acedido a 17 de março de, 2015, em: <http://www.efdeportes.com/efd161/curriculo-oculto-x-curriculo-formal.htm>
- Metas de Aprendizagem. Acedido a 1 de abril, 2014, em: <http://www.ensinobasico.com/blogue/775-metas-de-aprendizagem-documentos-em-word-preparados-para-download>
- *Parte II – Metodologia de Investigação*. Acedido a 20 de novembro, 2014, no Website da Universidade do Minho em: <http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/7085/7/Parte%20II%20-%20Metodologia%20da%20investiga%C3%A7%C3%A3o.pdf>
- *Programas e Metas Curriculares*. Acedido a 13 de maio, 2014, no Website do Ministério da Educação e Ciência – Direção Geral da Educação (DGE): <http://dge.mec.pt/metascurriculares/index.php?s=directorio&pid=2>
- *Projeto e Objetivos Educativos*. Acedido a 11 de dezembro, 2013, no Website do Colégio do Vale em: http://www.colegiodovale.pt/index.php?option=com_content&view=article&id=79&Itemid=129
- Sarabia, M. (s.d.) *Fotografias Contadoras de Histórias: um ensaio metodológico*. Acedido a 18 de março, 2015, em: <http://conferencias.cies.iscte.pt/index.php/icyurb/sicyurb/paper/viewFile/246/115>

Legislação consultada

- Decreto-Lei n.º 6/2001, de 18 de janeiro, retificado pela Declaração de Retificação n.º 4-A/2001, de 28 de fevereiro. *Diário da República n.º 175/04 – II Série*. Ministérios da Educação e da Segurança Social e do Trabalho. Lisboa.

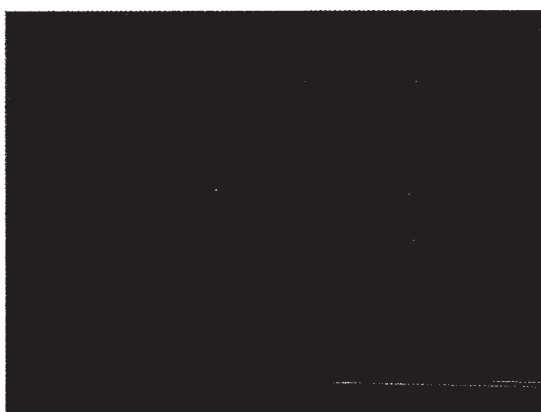
ANEXOS

Anexo I – Registo Fotográfico

1. Atividade “A Família”



Fotografia 1.1 – Preparação do Placard relativamente às Árvores Genealógicas.

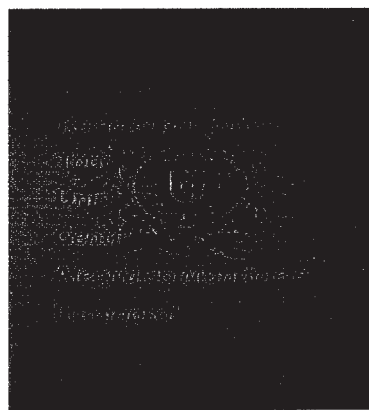
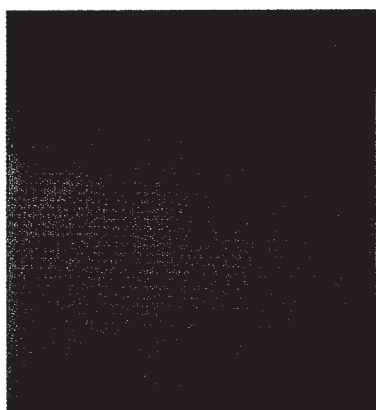


Fotografias 1.2, 1.3 e 1.4 – Alguns exemplares de Árvores Genealógicas elaborados com as respetivas famílias.

2. Atividade “Portugal – A nossa Nação”



Fotografias 2.1 e 2.2 – Pintura da Bandeira de Portugal.



Fotografia 2.3 – Acrósticos com a palavra “Portugal”.

3. Atividade “As Plantas – Germinação por Semente”

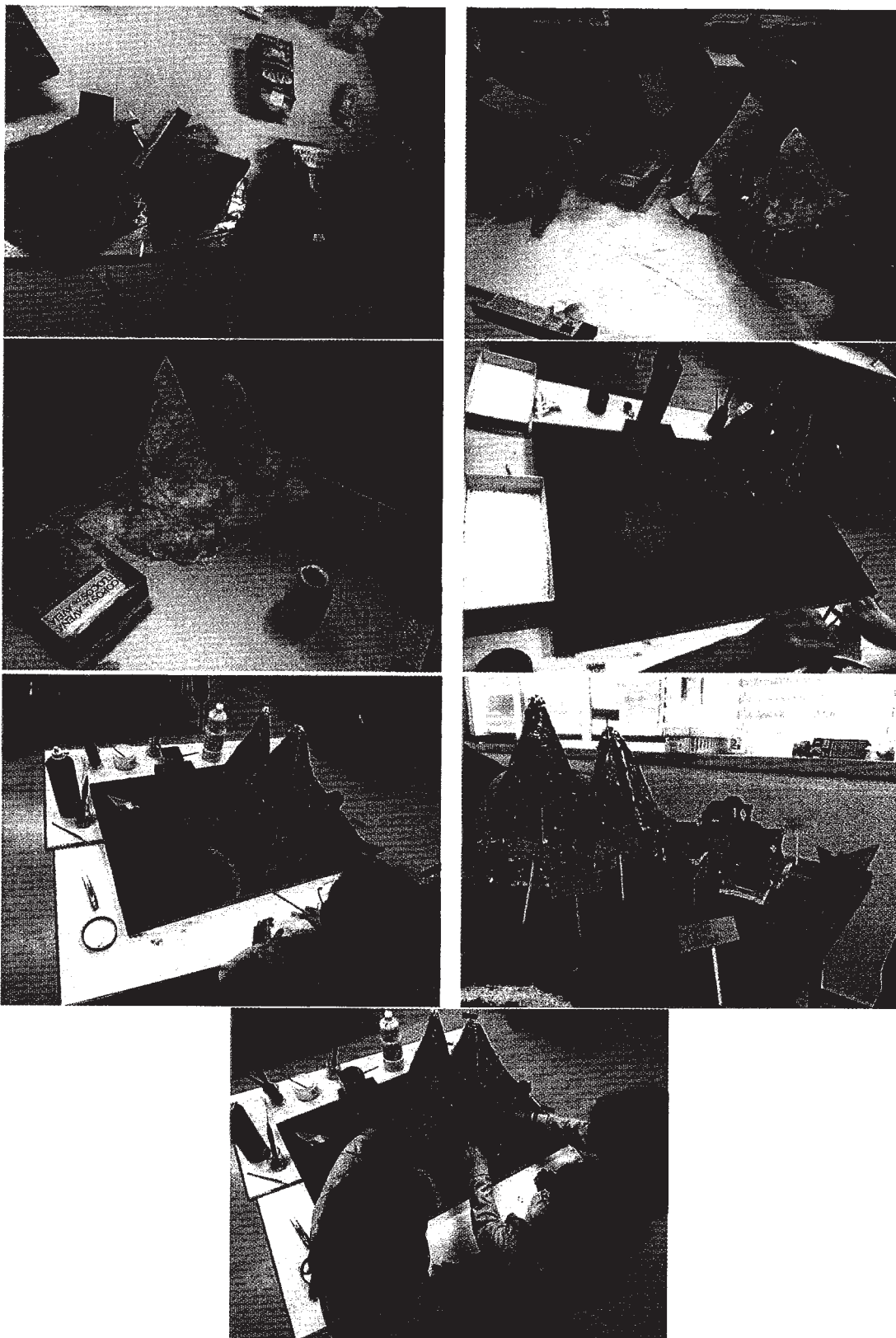


Fotografias 3.1, 3.2 e 3.3 – Germinação por semente na sala de aula.



Fotografia 3.4 – Preparação do terreno para cultivar os vasos orgânicos dentro de pneus.

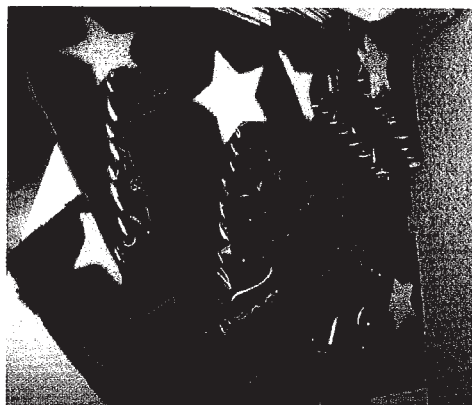
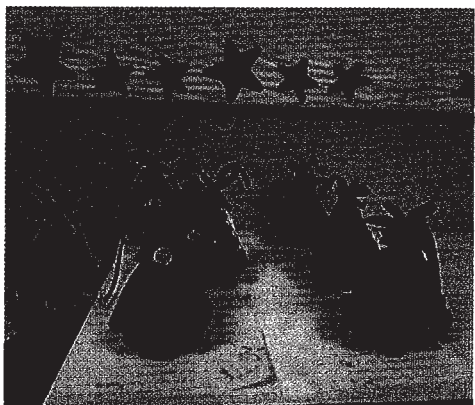
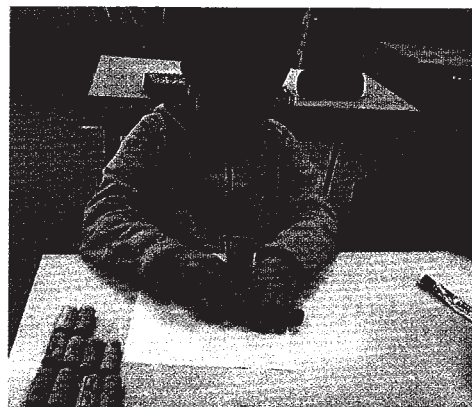
4. Atividade "Maqueta sobre relevo e meios aquáticos"



Fotografias 4.1, 4.2, 4.3, 4.4, 4.5, 4.6 e 4.7 – Alguns momentos do processo de elaboração da Maqueta.

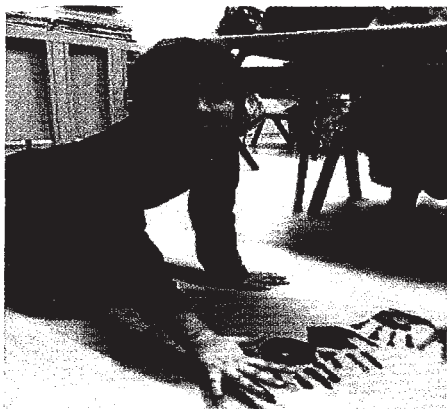
5. Outras atividades interdisciplinares

5.1. Prenda de Natal – Elaborada a partir da leitura da história “A Noite de Natal” e dando origem a uma árvore com rochas de cortiça, um postal escrito em inglês e uma caixa com desenho alusivo ao Natal. Nesta atividade as áreas trabalhadas foram o Português, a Matemática, a Expressão Plástica e tivemos o contributo da professora de Inglês.



Fotografias 5.1.1, 5.1.2, 5.1.3 e 5.1.4 – Esta atividade teve vários momentos e todos eles muito minuciosos e nos quais os alunos estiveram sempre muita atenção.

5.2. Dia de S. Valentim – A partir de diálogo sobre que sentimentos se celebram neste dia, fez-se um acróstico com uma palavra; recortou-se moldes dando origem a uma menina, um menino e um coração; elaborou-se um coração com a mão pintada de cada aluno e das professoras. Nesta atividade as áreas trabalhadas foram o Português, a Matemática e a Expressão Plástica.



Fotografias 5.2.1, 5.2.2 e 5.2.3 – Momentos registados durante uma atividade onde prevaleceu a partilha de ideias e, onde mais uma vez, realça a importância de trabalho em grande grupo.

Anexo II – Registos no caderno diário

Caderno de Estudo do Meio

Relações de Parentesco

Todos nós fazemos parte de uma família que nos dá carinho, amor e nos transmite valores.

Cada família é formada por pessoas ligadas por relações de parentesco, que indicam o que cada elemento da família é relativamente a cada um dos outros e aos quais chamamos de parentes e/ou familiares.

Muitas vezes, os elementos da família reúnem-se e passam momentos agradáveis como, por exemplo, quando há uma festa.

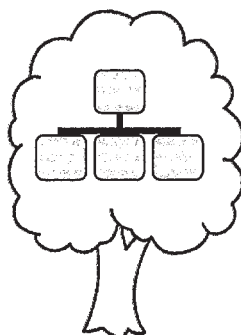
Árvore Genealógica

Uma árvore genealógica é uma representação esquemática de uma família, onde se apresentam as várias gerações de uma família e as suas relações de parentesco.

Numa árvore genealógica:

- Os nossos avós pertencem à primeira geração;
- Os nossos pais e tios pertencem à segunda geração;
- Nós (filhos) e os nossos primos pertencemos à terceira geração.

ÁRVORE GENEALÓGICA



1. Registo no caderno diário relativo à atividade “A Família”

Caderno de Estudo do Meio

Símbolos Locais e Regionais

Portugal está organizado em freguesias, concelhos e distritos que têm os seus próprios símbolos locais: os brasões e as bandeiras.

Estes símbolos recordam os acontecimentos e os factos importantes da história da região.



O brasão tem alguns elementos representados que têm significados próprios.

A bandeira ou estandarte é habitualmente hasteada nas festas e/ou momentos solenes.

Símbolos Nacionais

Os principais símbolos do nosso país são a Bandeira Nacional e o Hino Nacional.

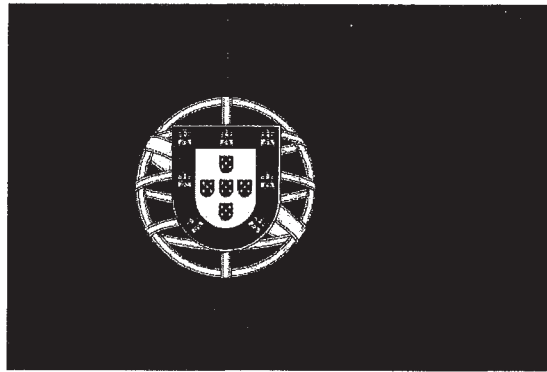
A bandeira é dividida na vertical em duas cores predominantes – verde e vermelho – o verde do lado esquerdo ocupando dois quintos e o vermelho do lado direito ocupando três quintos da totalidade da bandeira. O verde é a cor da esperança e do mar e foi escolhida em honra de uma batalha onde esta cor deu a vitória aos portugueses e, o vermelho é a cor da coragem e da força, simbolizando o sangue derramado pelos portugueses. O comprimento da bandeira é uma vez e meia a sua altura.

Ao centro, sobre as duas cores, tem o Escudo das Armas Nacionais e a Esfera Armilar Manuelina, em amarelo e realçada de negro, simbolizando as viagens dos navegadores portugueses pelo Mundo fora.

O Escudo lembra a defesa do território, as cinco quinas, a azul, representam os cinco reis mouros derrotados em Ourique por D. Afonso Henriques, cada quina contém cinco pontos brancos lembrando as cinco chagas de Cristo.

A Esfera Armilar é um símbolo que o Rei D. Manuel I escolheu para simbolizar as descobertas marítimas.

Os sete castelos amarelos representam os castelos que os portugueses conquistaram aos mouros.



Hino Nacional

*Heróis do mar, nobre povo,
Nação valente, imortal,
Levantai hoje de novo
O esplendor de Portugal!
Entre as brumas da memória,
Ó Pátria, sente-se a voz
Dos teus egrégios avós,
Que há-de guiar-te à vitória!
Às armas, às armas!
Sobre a terra, sobre o mar,
Às armas, às armas!
Pela Pátria lutar
Contra os canhões marchar, marchar!*

Composição

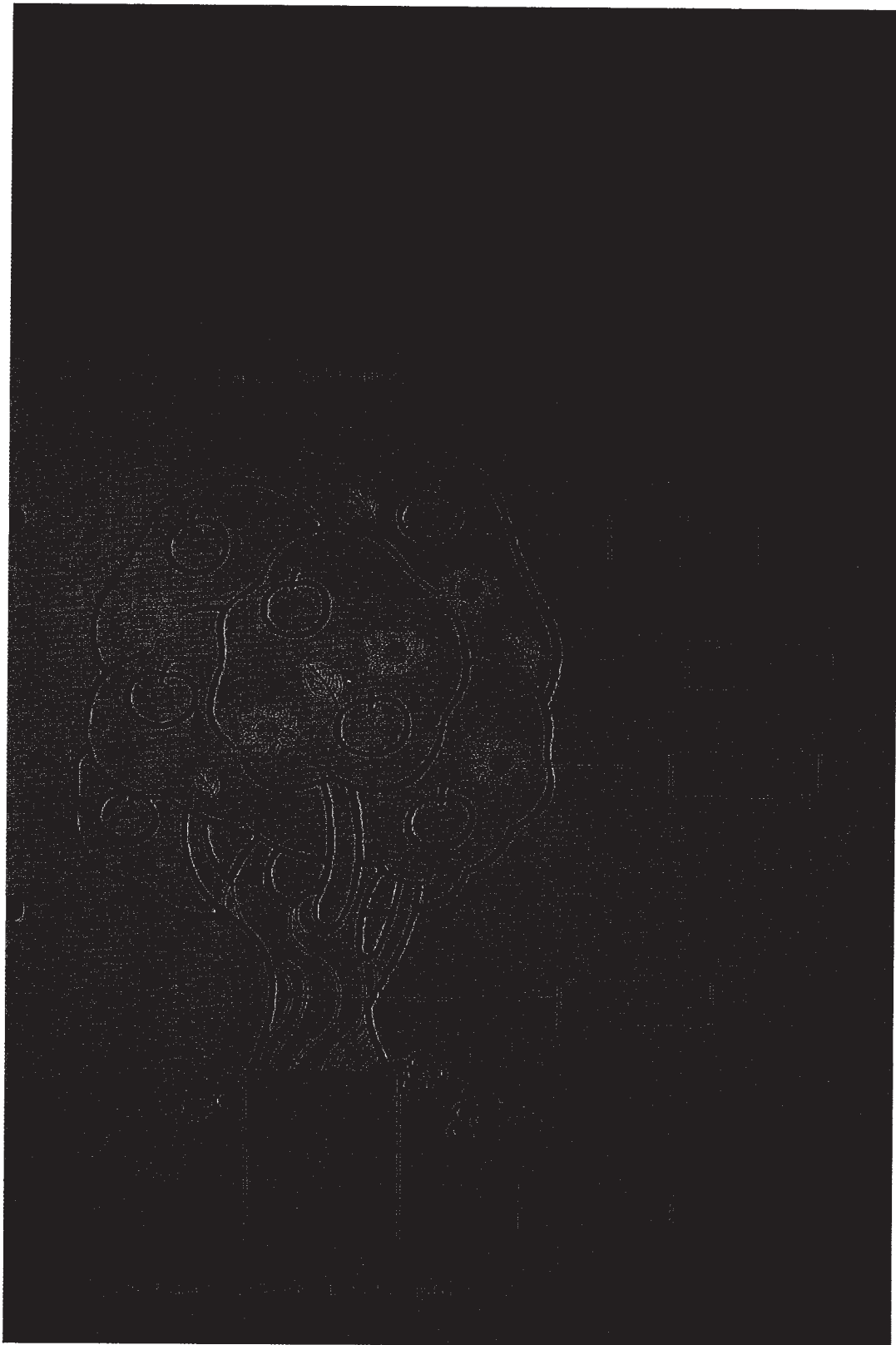
Alfredo Keil, Henrique Lopes de Mendonça

Versão oficial de «A Portuguesa»

Ma-nóis do
mar, no-bre po-vo, Na-ção va-len-te, i-mor-
tal! Lá-vos-leva-ri ho-je de no-vo, O es-plen-
dor de for-tu-ral! Que-ri-ás tra-mas
da me-mó-ria, ó Pa-tria sen-te-se a voz Dos
teus e-gré-gios avós! Que, há-de gui-ar-te à vi-
tó-ri-a. Às ar-mas! às ar-mas! So-bre a
ter-ra so-bre o mar! Às ar-mas! às
ar-mas! Se-la Já: lú-tar lu-tar! Con-tinua-a-
r-mos! marchar, mar-char!

2. Registo no caderno diário relativo à atividade “Portugal – A nossa Nação”

Anexo III – Ficha Formativa



3. Ficha formativa relativa à atividade “As Plantas – Germinação por Semente”.
(1ª parte)



3. Ficha formativa relativa à atividade “As Plantas – Germinação por Semente”.
(2ª parte)

Anexo IV – Inquéritos a professores do 1.º CEB



Escola Superior de Educadores de Infância Maria Ulrich
Mestrado em Educação Pré-Escolar e 1.º Ciclo do Ensino Básico

Inquérito

Este inquérito, instrumento de recolha de dados, visa recolher informações acerca da interdisciplinaridade numa sala de 1.º Ciclo, a partir da área de Estudo do Meio, para o relatório final do Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º CEB.

Esta recolha de informação está direcionada a professores do 1.º Ciclo do Ensino Básico do Colégio do Vale e Escola Básica de Marco Cabaço, ambas na freguesia da Charneca de Caparica.

1. Como define a interdisciplinaridade?

Interdisciplinaridade é a inter-relação de duas áreas na exploração e desenvolvimento de um ou mais conteúdos programáticos.

1.1. Considera a interdisciplinaridade um bom método de ensino?

Sim X

Não

2. No seu parecer, quais as vantagens e desvantagens da interdisciplinaridade?

A interdisciplinaridade é vantajosa, no sentido em que permite a ligação/relação dos saberes entre as várias áreas, promovendo o interesse e motivação dos alunos. Poderá ser desvantajosa na medida em que o trabalho inerente à atitude proposta tornar-se-á mais complexo, mais exigente, necessitando de uma maior organização e metodologias definidas por parte de quem o desen-

3. De acordo com a sua experiência profissional qual será(ão) o(s) ano(s) mais adequado(s) à sua aplicação? Todos os anos

Escola Superior de Educadores de Infância Maria Ulrich
Mestrado em Educação Pré-Escolar e 1.º Ciclo do Ensino Básico

3.1. Porquê?

Independentemente do que em questão, eu penso que é importante haver interdisciplinaridade em todos os anos de forma a haver desde o início do 1.º ciclo, a possibilidade de relacionar saberes entre áreas distintas, levando a uma maior motivação por parte dos alunos, pois as aprendizagens também são efetuadas de uma forma mais lúdica.

4. O Estudo do Meio, será uma boa área de conteúdo para atingir a interdisciplinaridade?

Sim

Não

4.1. Porquê?

Os conteúdos integrados nesta área nos diferentes anos de escolaridade, na sua maior ^{requerem} abrangência do espaço envolvente logo, toda o desenvolvimento e exploração dos saberes das áreas envolvidas, assim como a sua própria pesquisa, levam a um maior entendimento por parte dos alunos.

5. Que tipo(s) de atividades/projetos desenvolveria/desenvolve?

Desenvolveria diversamente as atividades no quais envolverem na maioria das vezes, a Expressão Plástica com as áreas de Português, Matemática e Estudo do Meio, atividades nos quais relacionam a área de Matemática com a área Portuguesa, a Informática e também uma área que está implícita em muitas situações no desenvolvimento da atividade proposta.

Obrigado pela vossa colaboração!

Ana Mafalda Águas

Escola Superior de Educadores de Infância Maria Ulrich
Mestrado em Educação Pré-Escolar e 1.º Ciclo do Ensino Básico

Inquérito

Este inquérito, instrumento de recolha de dados, visa recolher informações acerca da interdisciplinaridade numa sala de 1.º Ciclo, a partir da área de Estudo do Meio, para o relatório final do Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º CEB.

Esta recolha de informação está direcionada a professores do 1.º Ciclo do Ensino Básico do Colégio do Vale e Escola Básica de Marco Cabaço, ambas na freguesia da Charneca de Caparica.

1. Como define a interdisciplinaridade?

Interdisciplinaridade é desenvolver um trabalho
relacionando conteúdos de diferentes áreas.

1.1. Considera a interdisciplinaridade um bom método de ensino?

Sim x

Não

2. No seu parecer, quais as vantagens e desvantagens da interdisciplinaridade?

As vantagens prendem-se com o desenvolvimento
do conhecimento por diversas vertentes.
A desvantagem passa pela organização e desen-
volvimento da atividade que é mais trabalhosa para o
professor.

3. De acordo com a sua experiência profissional qual será(ão) o(s) ano(s) mais adequado(s) à sua aplicação? todos os anos

Escola Superior de Educadores de Infância Maria Ulrich
Mestrado em Educação Pré-Escolar e 1.º Ciclo do Ensino Básico

3.1. Porquê?

A interdisciplinaridade favorece o desenvolvimento e consolidação dos diversos conteúdos ^{abordados} e tem na aplicação em aulas os anos por promover a aprendizagem globalizada com uma só estratégia

4. O Estudo do Meio será uma boa área de conteúdo para atingir a interdisciplinaridade?

Sim

Não

4.1. Porquê?

Porque é uma área que aborda conteúdos da vida da criança e que permite fazer ligações com outros assuntos

5. Que tipo(s) de atividades/projetos desenvolveria/desenvolve?

Desenho, atividades que relacionem conteúdos abordados nos diferentes anos de escolaridade

Obrigado pela vossa colaboração!

Ana Mafalda Águas

Escola Superior de Educadores de Infância Maria Ulrich
Mestrado em Educação Pré-Escolar e 1.º Ciclo do Ensino Básico

Inquérito

Este inquérito, instrumento de recolha de dados, visa recolher informações acerca da interdisciplinaridade numa sala de 1.º Ciclo, a partir da área de Estudo do Meio, para o relatório final do Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º CEB.

Esta recolha de informação está direcionada a professores do 1.º Ciclo do Ensino Básico do Colégio do Vale e Escola Básica de Marco Cabaço, ambas na freguesia da Charneca de Caparica.

1. Como define a interdisciplinaridade?

A interdisciplinaridade é a interligação entre as várias áreas/disciplinas

1.1. Considera a interdisciplinaridade um bom método de ensino?

Sim

Não

2. No seu parecer, quais as vantagens e desvantagens da interdisciplinaridade?

A interdisciplinaridade permite aos alunos uma maior reflexão acerca dos conteúdos, bem como a aprendizagem de uma forma mais didática.

3. De acordo com a sua experiência profissional qual será(ão) o(s) ano(s) mais adequado(s) à sua aplicação? 1.º e 2.º ano

Escola Superior de Educadores de Infância Maria Ulrich
Mestrado em Educação Pré-Escolar e 1.º Ciclo do Ensino Básico

3.1. Porquê?

As aprendizagens fazem-se de uma forma mais lúdica e consegue-se fazer a interdisciplinaridade mais facilmente.

4. O Estudo do Meio será uma boa área de conteúdo para atingir a interdisciplinaridade?

Sim

Não

4.1. Porquê?

O estudo do Meio retrata, na sua maioria, aspetos do quotidiano dos alunos e por isso deste é mais fácil fazer a aquisição de aprendizagens concretas.

5. Que tipo(s) de atividades/projetos desenvolveria/desenvolve?

História de Portugal - estudo do Tejo
Criação de situações problemáticas com base na História - Matemática
Abordagem dos séculos (Invenção do Renascimento) - Matemática
Criação de poesias com base na História -
Portugal

Obrigado pela vossa colaboração!

Ana Mafalda Águas

Escola Superior de Educadores de Infância Maria Ulrich
Mestrado em Educação Pré-Escolar e 1.º Ciclo do Ensino Básico

Inquérito

Este inquérito, instrumento de recolha de dados, visa recolher informações acerca da interdisciplinaridade numa sala de 1.º Ciclo, a partir da área de Estudo do Meio, para o relatório final do Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º CEB.

Esta recolha de informação está direcionada a professores do 1.º Ciclo do Ensino Básico do Colégio do Vale e Escola Básica de Marco Cabaço, ambas na freguesia da Charneca de Caparica.

1. Como define a interdisciplinaridade?

Interdisciplinaridade consiste no desenvolvimento de um determinado conteúdo nas diversas áreas, relacionando-as.

1.1. Considera a interdisciplinaridade um bom método de ensino?

Sim

Não

2. No seu parecer, quais as vantagens e desvantagens da interdisciplinaridade?

Permite a relação de saberes entre as várias áreas e a melhor compreensão dos conteúdos, aplicados nas vivências de dia a dia. Torna-se mais exigente e trabalhoso para o professor, no sentido em que tem de preparar atividades que relacionem os conteúdos.

3. De acordo com a sua experiência profissional qual será(ão) o(s) ano(s) mais adequado(s) à sua aplicação? Em todos os anos.

Escola Superior de Educadores de Infância Maria Ulrich
Mestrado em Educação Pré-Escolar e 1.º Ciclo do Ensino Básico

3.1. Porquê?

Porque permite que as crianças percebam
que a aprendizagem acontece através de
todo o seu quotidiano e experiências,
logo deverá ocorrer o mais cedo possível.

4. O Estudo do Meio será uma boa área de conteúdo para atingir a
interdisciplinaridade?

Sim X

Não

4.1. Porquê?

Porque é uma área que permite desenvolver
atividades no âmbito da matemática e
português, sendo um ponto de partida para
a interdisciplinaridade.

5. Que tipo(s) de atividades/projetos desenvolveria/desenvolve?

Trabalhos de grupo, pesquisas, escrita
criativa, jogos que envolvem as áreas
envolventes

Obrigado pela vossa colaboração!

Ana Mafalda Águas

Escola Superior de Educadores de Infância Maria Ulrich
Mestrado em Educação Pré-Escolar e 1.º Ciclo do Ensino Básico

Inquérito

Este inquérito, instrumento de recolha de dados, visa recolher informações acerca da interdisciplinaridade numa sala de 1.º Ciclo, a partir da área de Estudo do Meio, para o relatório final do Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º CEB.

Esta recolha de informação está direcionada a professores do 1.º Ciclo do Ensino Básico do Colégio do Vale e Escola Básica de Marco Cabaço, ambas na freguesia da Charneca de Caparica.

1. Como define a interdisciplinaridade?

A interdisciplinaridade consiste no desenvol-
vimento de um determinado conteúdo nas
diversas áreas, relacionando-as.

1.1. Considera a interdisciplinaridade um bom método de ensino?

Sim X

Não

2. No seu parecer, quais as vantagens e desvantagens da interdisciplinaridade?

Permite a relação de saberes entre as várias
áreas e a melhor compreensão dos conteúdos,
aplicados nas vivências do dia a dia.
Torna-se mais exigente e trabalhoso para o
professor, no sentido em que tem de preparar
atividades que relacionem conteúdos.

3. De acordo com a sua experiência profissional qual será(ão) o(s) ano(s) mais adequado(s) à sua aplicação? Todos

3.1. Porquê?

Porque permite que as crianças percebam que a aprendizagem acontece como um todo, sem fragmentar conhecimentos, logo deverá começar o mais cedo possível.

4. O Estudo do Meio será uma boa área de conteúdo para atingir a interdisciplinaridade?

Sim

Não

4.1. Porquê?

Porque é uma área que permite desenvolver atividades no âmbito da matemática, português e expressão, sendo um ponto de partida para a interdisciplinaridade.

5. Que tipo(s) de atividades/projetos desenvolveria/desenvolve?

- * Trabalhos de grupo
- * Pesquisas
- * Escrita Criativa
- * Jogos livres com intencionalidade pedagógica

Obrigado pela vossa colaboração!

Ana Mafalda Águas

Escola Superior de Educadores de Infância Maria Ulrich
Mestrado em Educação Pré-Escolar e 1.º Ciclo do Ensino Básico

Inquérito

Este inquérito, instrumento de recolha de dados, visa recolher informações acerca da interdisciplinaridade numa sala de 1.º Ciclo, a partir da área de Estudo do Meio, para o relatório final do Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º CEB.

Esta recolha de informação está direcionada a professores do 1.º Ciclo do Ensino Básico do Colégio do Vale e Escola Básica de Marco Cabaço, ambas na freguesia da Charneca de Caparica.

1. Como define a interdisciplinaridade?

A interdisciplinaridade é a capacidade de desenvolver o mesmo tema abrangendo as várias áreas curriculares.

1.1. Considera a interdisciplinaridade um bom método de ensino?

Sim X

Não

2. No seu parecer, quais as vantagens e desvantagens da interdisciplinaridade?

As vantagens serão a exploração do mesmo tema tendo em conta diferentes abordagens (a perspectivas), As desvantagens podem advir do facto das alunas poderem ficar confusas caso as actividades não sejam bem conduzidas.

3. De acordo com a sua experiência profissional qual será(ão) o(s) ano(s) mais adequado(s) à sua aplicação? Todos

3.1. Porquê?

Porque, caso seja possível fazer interdisciplina nas várias áreas é vantajoso para a compreensão das alunas acerca das temas em estudo.

4.0 Estudo do Meio será uma boa área de conteúdo para atingir a interdisciplinaridade?

Sim

Não

4.1. Porquê?

Porque aborda temas mais práticos, de compreensão visual, que permite as alunas desenvolver um pensamento concreto que poderá depois ser aproveitada para conteúdos mais abstratos, por exemplo na matemática (gráficos, tabelas...)

5. Que tipo(s) de atividades/projetos desenvolveria/desenvolve?

Sempre que as alunas mostram interesse especial acerca de um tema, é possível direcioná-lo para outras áreas.
Os alunas mostraram interesse em saber como se faz o chá. Assim explorou-se no E. Meio as tipos de plantas para o chá, a que temperatura ferve a água, entre outras situações. Na matemática fez-se um gráfico do tipo de chá

preferido pelos alunos.

Obrigado pela vossa colaboração!

Ana Mafalda Águas

Escola Superior de Educadores de Infância Maria Ulrich
Mestrado em Educação Pré-Escolar e 1.º Ciclo do Ensino Básico

Inquérito

Este inquérito, instrumento de recolha de dados, visa recolher informações acerca da interdisciplinaridade numa sala de 1.º Ciclo, a partir da área de Estudo do Meio, para o relatório final do Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º CEB.

Esta recolha de informação está direcionada a professores do 1.º Ciclo do Ensino Básico do Colégio do Vale e Escola Básica de Marco Cabaço, ambas na freguesia da Charneca de Caparica.

1. Como define a interdisciplinaridade?

A interdisciplinaridade é o desenvolvimento de um trabalho numa área, integrando conteúdos de outra área, que estejam interligados.

1.1. Considera a interdisciplinaridade um bom método de ensino?

Sim x

Não

2. No seu parecer, quais as vantagens e desvantagens da interdisciplinaridade?

As vantagens são: permitir a transmissão de saberes de forma integral, sem os fragmentar, contribui para o desenvolvimento do sentido crítico dos alunos.

As desvantagens fazem pelo trabalho do professor, a atividade pedagógica é mais trabalhosa.

3. De acordo com a sua experiência profissional qual será(ão) o(s) ano(s) mais adequado(s) à sua aplicação? Todos os anos

Escola Superior de Educadores de Infância Maria Ulrich
Mestrado em Educação Pré-Escolar e 1.º Ciclo do Ensino Básico

3.1. Porquê?

O desenvolvimento das capacidades mentais dos alunos deve ser contínuo e gradual, logo a utilização de uma metodologia adequada desde o início da escolaridade, é fundamental.

4. O Estudo do Meio será uma boa área de conteúdo para atingir a interdisciplinaridade?

Sim

Não

4.1. Porquê?

Os conteúdos programáticos inseridos na área de estudo do meio estão relacionados com a realidade, desta forma torna-se mais eficaz partir de estudo de meio para o desenvolvimento das aprendizagens.

5. Que tipo(s) de atividades/projetos desenvolveria/desenvolve?

Trabalhos de grupo, tendo como fonte de partida temas de estudo do meio; Escrita Criativa; Resolução de Problemas; Texto de Apoio; Atividades Experimentais; Desenho Artístico.

Obrigado pela vossa colaboração!

Ana Mafalda Águas

Escola Superior de Educadores de Infância Maria Ulrich
Mestrado em Educação Pré-Escolar e 1.º Ciclo do Ensino Básico

Inquérito

Este inquérito, instrumento de recolha de dados, visa recolher informações acerca da interdisciplinaridade numa sala de 1.º Ciclo, a partir da área de Estudo do Meio, para o relatório final do Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º CEB.

Esta recolha de informação está direccionada a professores do 1.º Ciclo do Ensino Básico do Colégio do Vale e Escola Básica de Marco Cabaço, ambas na freguesia da Charneca de Caparica.

1. Como define a interdisciplinaridade?

Interdisciplinaridade ^{permite} desenvolver competências de trabalho numa determinada área que interliga com outros conteúdos.

1.1. Considera a interdisciplinaridade um bom método de ensino?

Sim X

Não

2. No seu parecer, quais as vantagens e desvantagens da interdisciplinaridade?

Transmissão de saberes relacionados, permite que os alunos se envolvam de uma forma integral nos conteúdos desenvolvidos.

3. De acordo com a sua experiência profissional qual será(ão) o(s) ano(s) mais adequado(s) à sua aplicação? Todos os anos

Escola Superior de Educadores de Infância Maria Ulrich
Mestrado em Educação Pré-Escolar e 1.º Ciclo do Ensino Básico

3.1. Porquê?

Porque o desenvolvimento das capacidades deve ser contínuo e gradual!

4. O Estudo do Meio será uma boa área de conteúdo para atingir a interdisciplinaridade?

Sim

Não

4.1. Porquê?

O Est. do Meio está relacionado com a realidade, logo é uma área excelente para realizar a interdisciplinaridade.

5. Que tipo(s) de atividades/projetos desenvolveria/desenvolve?

Debates, trabalhos de grupo; insu-
ta Criativa, Resolução de problemas!

Obrigado pela vossa colaboração!

Ana Mafalda Águas

Escola Superior de Educadores de Infância Maria Ulrich
Mestrado em Educação Pré-Escolar e 1.º Ciclo do Ensino Básico

Inquérito

Este inquérito, instrumento de recolha de dados, visa recolher informações acerca da interdisciplinaridade numa sala de 1.º Ciclo, a partir da área de Estudo do Meio, para o relatório final do Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º CEB.

Esta recolha de informação está direcionada a professores do 1.º Ciclo do Ensino Básico do Colégio do Vale e Escola Básica de Marco Cabaço, ambas na freguesia da Charneca de Caparica.

1. Como define a interdisciplinaridade?

Interdisciplinaridade é a ligação articulada de saberes que visa um melhor e maior conhecimento de diferentes temáticas.

1.1. Considera a interdisciplinaridade um bom método de ensino?

Sim X

Não ___

2. No seu parecer, quais as vantagens e desvantagens da interdisciplinaridade?

Só tenho vantagens, na medida em que torna as aulas mais estimulantes, que vão ao encontro das diferentes vivências dos alunos, abrange várias áreas o que permite o aumento da visão e do nível cultural.

3. De acordo com a sua experiência profissional qual será(ão) o(s) ano(s) mais adequado(s) à sua aplicação?

Todos! Mas deve começar, sem dúvida, no 1.º.

Escola Superior de Educadores de Infância Maria Ulrich
Mestrado em Educação Pré-Escolar e 1.º Ciclo do Ensino Básico

3.1. Porquê?

Como já disse, vai ao encontro das crianças,
é mais estimulante e aumenta o melho-
ra a participação e odedidade de cada um.

4. O Estudo do Meio será uma boa área de conteúdo para atingir a
interdisciplinaridade?

Sim X

Não ___

4.1. Porquê?

Pela sua característica de abrangência,
por tratar de temas do dia a dia (quoti-
diano) e ser possível com qualquer conteúdo
de trabalhar a expressão escrita, oral, o
cálculo, as situações problemáticas, as
expressões.

5. Que tipo(s) de atividades/projetos desenvolveria/desenvolve?

Workshops: histórias colaborativas; teatro, música
e fala; pista de leitura; intercâmbios entre
turmas; hora pedagógica; ... entre
outros, consoante o ano e a disponibi-
lidade

Obrigado pela vossa colaboração!

Ana Mafalda Águas

Escola Superior de Educadores de Infância Maria Ulrich
Mestrado em Educação Pré-Escolar e 1.º Ciclo do Ensino Básico

Inquérito

Este inquérito, instrumento de recolha de dados, visa recolher informações acerca da interdisciplinaridade numa sala de 1.º Ciclo, a partir da área de Estudo do Meio, para o relatório final do Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º CEB.

Esta recolha de informação está direcionada a professores do 1.º Ciclo do Ensino Básico do Colégio do Vale e Escola Básica de Marco Cabaço, ambas na freguesia da Charneca de Caparica.

1. Como define a interdisciplinaridade?

É uma estratégia de trabalho que permite articular e relacionar diferentes áreas de conhecimento.

1.1. Considera a interdisciplinaridade um bom método de ensino?

Sim

Não

2. No seu parecer, quais as vantagens e desvantagens da interdisciplinaridade?

Vantagens - motivação para os alunos, a partir de um tema de Estudo do Meio e disponibilidade de tempo (para os alunos)
Desvantagens -

3. De acordo com a sua experiência profissional qual será(ão) o(s) ano(s) mais adequado(s) à sua aplicação? Nos 1.º anos e 2.º do Primeiro Ciclo.

Escola Superior de Educadores de Infância Maria Ulrich
Mestrado em Educação Pré-Escolar e 1.º Ciclo do Ensino Básico

3.1. Porquê?

Porque torna mais aliciante e
é mais fácil fazer a articulação
entre as áreas a trabalhar

4. O Estudo do Meio será uma boa área de conteúdo para atingir a
interdisciplinaridade?

Sim

Não

4.1. Porquê?

Porque é uma área que se
pode utilizar a partir do
quotidiano, dependendo a partir
dos temas trabalhar Português
e Matemática.

5. Que tipo(s) de atividades/projetos desenvolveria/desenvolve?

A partir de qualquer tema de Estudo
do Meio de uma história, ou ainda
de uma notícia, podemos
trabalhar as outras áreas

Obrigado pela vossa colaboração!

Ana Mafalda Águas

Escola Superior de Educadores de Infância Maria Ulrich
Mestrado em Educação Pré-Escolar e 1.º Ciclo do Ensino Básico

Inquérito

Este inquérito, instrumento de recolha de dados, visa recolher informações acerca da interdisciplinaridade numa sala de 1.º Ciclo, a partir da área de Estudo do Meio, para o relatório final do Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º CEB.

Esta recolha de informação está direcionada a professores do 1.º Ciclo do Ensino Básico do Colégio do Vale e Escola Básica de Marco Cabaço, ambas na freguesia da Charneca de Caparica.

1. Como define a interdisciplinaridade?

A interdisciplinaridade é a forma como podemos ensinar uma disciplina usando outra. Por exemplo estar a dar o corpo humano em Estudo do Meio e utilizar um texto sobre esse tema para o

1.1. Considera a interdisciplinaridade um bom método de ensino? Português.

Sim

Não

2. No seu parecer, quais as vantagens e desvantagens da interdisciplinaridade?

vantagens poder aprofundar mais os conhecimentos usando as várias vertentes dos temas pelas diferentes formas de explorar.
Não vejo nenhuma desvantagem na interdisciplinaridade.

3. De acordo com a sua experiência profissional qual será(ão) o(s) ano(s) mais adequado(s) à sua aplicação? A partir do 2.º ano.

Escola Superior de Educadores de Infância Maria Ulrich
Mestrado em Educação Pré-Escolar e 1.º Ciclo do Ensino Básico

3.1. Porquê?

Porque no 1.º ano não se conseguem (é mais difícil) utilizar temas em comum para explorar as diferentes áreas, pois as crianças ainda estão a aprender a ler.

4.0 Estudo do Meio será uma boa área de conteúdo para atingir a interdisciplinaridade?

Sim X

Não

4.1. Porquê?

Penso que seja a melhor área de conteúdo para atingir a interdisciplinaridade, pois através dos vários temas de Estudo do Meio podemos abordá-los quer no Português, quer na Matemática, quer nas Expressões.

5. Que tipo(s) de atividades/projetos desenvolveria/desenvolve?

Através da Hora do Conto, ou do tema das profissões, de por exemplo, usar as profissões para explorar todas as áreas ou com qualquer outro tema. Com as histórias também se conseguem desenvolver várias atividades ou projetos que se envolvem nas diversas áreas disciplinares.

Obrigado pela vossa colaboração!

Ana Mafalda Águas

Escola Superior de Educadores de Infância Maria Ulrich
Mestrado em Educação Pré-Escolar e 1.º Ciclo do Ensino Básico

Inquérito

Este inquérito, instrumento de recolha de dados, visa recolher informações acerca da interdisciplinaridade numa sala de 1.º Ciclo, a partir da área de Estudo do Meio, para o relatório final do Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º CEB.

Esta recolha de informação está direcionada a professores do 1.º Ciclo do Ensino Básico do Colégio do Vale e Escola Básica de Marco Cabaço, ambas na freguesia da Charneca de Caparica.

1. Como define a interdisciplinaridade?

A interdisciplinaridade é a articulação dos vários saberes nas várias disciplinas

1.1. Considera a interdisciplinaridade um bom método de ensino?

Sim

Não

2. No seu parecer, quais as vantagens e desvantagens da interdisciplinaridade?

As aprendizagens nas crianças são desenvolvidas de uma forma mais significativa e com entusiasmo. Isso faz com que os alunos percebam a vida real e as situações adquiram os conhecimentos de uma forma mais real e contextualizada.

3. De acordo com a sua experiência profissional qual será(ão) o(s) ano(s) mais adequado(s) à sua aplicação?

Para mim é em todos os anos do 1.º ciclo, tudo deve ser articulado de forma que os alunos percebam o que fazem e o porquê?

Escola Superior de Educadores de Infância Maria Ulrich
Mestrado em Educação Pré-Escolar e 1.º Ciclo do Ensino Básico

3.1. Porquê?

Todas as crianças devem desenvolver competências significativas de forma que a criança desenvolva o saber fazer; o saber estar; e o saber aprender. De forma que consiga adquirir uma visão global do mundo que a rodeia.

4. O Estudo do Meio será uma boa área de conteúdo para atingir a interdisciplinaridade?

Sim

Não

4.1. Porquê?

Ao estudar os temas do estudo do meio posso desenvolver as competências do Português e de Matemática

5. Que tipo(s) de atividades/projetos desenvolveria/desenvolve?

Atividades relacionadas com estudo da localidade, visitas de estudo, experiências, tema do Ambiente

Obrigado pela vossa colaboração!

Ana Mafalda Águas

Escola Superior de Educadores de Infância Maria Ulrich
Mestrado em Educação Pré-Escolar e 1.º Ciclo do Ensino Básico

Inquérito

Este inquérito, instrumento de recolha de dados, visa recolher informações acerca da interdisciplinaridade numa sala de 1.º Ciclo, a partir da área de Estudo do Meio, para o relatório final do Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º CEB.

Esta recolha de informação está direcionada a professores do 1.º Ciclo do Ensino Básico do Colégio do Vale e Escola Básica de Marco Cabaço, ambas na freguesia da Charneca de Caparica.

1. Como define a interdisciplinaridade?

É um tipo de atividade/inteligência que pretende interligar as várias áreas, inserindo-as num tema que serve de "âncora" para desenvolver desenhos as aulas nos vários temas que tratam com temas "relacionados" (ajustados)

1.1. Considera a interdisciplinaridade um bom método de ensino?

Sim 21

Não

2. No seu parecer, quais as vantagens e desvantagens da interdisciplinaridade?

Só vejo vantagens → as aulas são mais centradas na realidade do aluno e respeitam os ritmos individuais, o que pretendemos como de todas as aulas "à tortoise" combinadas com horários para cada "disciplina" não se conseguem respeitar ritmos de aprendizagem.

3. De acordo com a sua experiência profissional qual será(ão) o(s) ano(s) mais adequado(s) à sua aplicação?

Tudo o 1.º ciclo, principalmente 1.º e 2.º anos (não consigo compreender as aulas nos 1.º e 2.º anos de escolaridade sem ser através da interdisciplinaridade).

Escola Superior de Educadores de Infância Maria Ulrich
Mestrado em Educação Pré-Escolar e 1.º Ciclo do Ensino Básico

3.1. Porquê?

A interdisciplinaridade torna as aulas
mais interessantes, fomenta a aprofundamento
dos temas em várias vertentes, dá mais
tempo a quem precisa.

4. O Estudo do Meio será uma boa área de conteúdo para atingir a
interdisciplinaridade?

Sim

Não

4.1. Porquê?

A abordagem dos temas a partir
de imagens ou observação e comentário
de imagens físicas se faz muito no (Meio)
é um bom ponto de partida para desenvolver
as outras áreas, abordagem (ou parte) do tema.

5. Que tipo(s) de atividades/projetos desenvolveria/desenvolve?

Obrigado pela vossa colaboração!

Ana Mafalda Águas

Escola Superior de Educadores de Infância Maria Ulrich
Mestrado em Educação Pré-Escolar e 1.º Ciclo do Ensino Básico

Inquérito

Este inquérito, instrumento de recolha de dados, visa recolher informações acerca da interdisciplinaridade numa sala de 1.º Ciclo, a partir da área de Estudo do Meio, para o relatório final do Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º CEB.

Esta recolha de informação está direcionada a professores do 1.º Ciclo do Ensino Básico do Colégio do Vale e Escola Básica de Marco Cabaço, ambas na freguesia da Charneca de Caparica.

1. Como define a interdisciplinaridade?

A interdisciplinaridade é através
ou a partir de um Tema trabalhar
as diferentes áreas.

1.1. Considera a interdisciplinaridade um bom método de ensino?

Sim

Não

2. No seu parecer, quais as vantagens e desvantagens da interdisciplinaridade?

A vantagem é que temos um
Tema Comum a todas as
áreas que desenvolvemos, fazendo
com que as aprendizagens
façam parte de um TODO.

3. De acordo com a sua experiência profissional qual será(ão) o(s) ano(s) mais adequado(s) à sua aplicação? TODOS

Escola Superior de Educadores de Infância Maria Ulrich
Mestrado em Educação Pré-Escolar e 1.º Ciclo do Ensino Básico

3.1. Porquê?

4. O Estudo do Meio será uma boa área de conteúdo para atingir a interdisciplinaridade?

Sim

Não

4.1. Porquê?

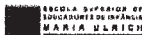
*Porque se parte de temas do
Quero para algo mais abstrato*

5. Que tipo(s) de atividades/projetos desenvolveria/desenvolve?

*Projetos a nível da leitura
(de momento).*

Obrigado pela vossa colaboração!

Ana Mafalda Águas



Escola Superior de Educadores de Infância Maria Ulrich
Mestrado em Educação Pré-Escolar e 1.º Ciclo do Ensino Básico

Inquérito

Este inquérito, instrumento de recolha de dados, visa recolher informações acerca da interdisciplinaridade numa sala de 1.º Ciclo, a partir da área de Estudo do Meio, para o relatório final do Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º CEB.

Esta recolha de informação está direcionada a professores do 1.º Ciclo do Ensino Básico do Colégio do Vale e Escola Básica de Marco Cabaço, ambas na freguesia da Charneca de Caparica.

1. Como define a interdisciplinaridade?

É a abordagem dos conteúdos das
diferentes áreas curriculares, tendo
em conta a articulação entre as
mesmas.

1.1. Considera a interdisciplinaridade um bom método de ensino?

Sim

Não

2. No seu parecer, quais as vantagens e desvantagens da interdisciplinaridade?

A interdisciplinaridade permite
explorar as diferentes vertentes
de um tema.

3. De acordo com a sua experiência profissional qual será(ão) o(s) ano(s) mais adequado(s) à sua aplicação? Todos

Escola Superior de Educadores de Infância Maria Ulrich
Mestrado em Educação Pré-Escolar e 1.º Ciclo do Ensino Básico

3.1. Porquê?

É importante interligar as diversas áreas.

4. O Estudo do Meio será uma boa área de conteúdo para atingir a interdisciplinaridade?

Sim

Não

4.1. Porquê?

5. Que tipo(s) de atividades/projetos desenvolveria/desenvolve?

Obrigado pela vossa colaboração!

Ana Mafalda Águas

Escola Superior de Educadores de Infância Maria Ulrich
Mestrado em Educação Pré-Escolar e 1.º Ciclo do Ensino Básico

Inquérito

Este inquérito, instrumento de recolha de dados, visa recolher informações acerca da interdisciplinaridade numa sala de 1.º Ciclo, a partir da área de Estudo do Meio, para o relatório final do Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º CEB.

Esta recolha de informação está direccionada a professores do 1.º Ciclo do Ensino Básico do Colégio do Vale e Escola Básica de Marco Cabaço, ambas na freguesia da Charneca de Caparica.

1. Como define a interdisciplinaridade?

Cruzamento de conteúdos à volta de
um só tema aproveitando a sua sensibilidade
e fazer os alunos

1.1. Considera a interdisciplinaridade um bom método de ensino?

Sim

Não

2. No seu parecer, quais as vantagens e desvantagens da interdisciplinaridade?

As vantagens, faz um, foi referido em 1.
As desvantagens podem acontecer quando, embora
atue em, e todos o objetivo é alcançado.

3. De acordo com a sua experiência profissional qual será(ão) o(s) ano(s) mais adequado(s) à sua aplicação? 1º e 2º



Escola Superior de Educadores de Infância Maria Ulrich
Mestrado em Educação Pré-Escolar e 1.º Ciclo do Ensino Básico

3.1. Porquê?

4. O Estudo do Meio será uma boa área de conteúdo para atingir a interdisciplinaridade?

Sim ____

Não ____

4.1. Porquê?

5. Que tipo(s) de atividades/projetos desenvolveria/desenvolve?

Obrigado pela vossa colaboração!

Ana Mafalda Águas